

**UNIIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

CURSO DE HUMANIDADES

Mona Lisa da Silva

**BLOGUEIRAS NEGRAS: VOZES FEMININAS NA REDE COMO ESTRATÉGIA DE
RESISTÊNCIA, EMPODERAMENTO E LUTA ANTIRRACISTA.**

**REDENÇÃO – CEARÁ
2016**

MONA LISA DA SILVA

BLOGUEIRAS NEGRAS: VOZES FEMININAS NA REDE COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA, EMPODERAMENTO E LUTA ANTIRRACISTA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Regina Rodrigues Silva

**REDENÇÃO – CEARÁ
2016**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S578 Silva, Mona Lisa da.

Blogueiras negras: vozes femininas na rede como estratégia de resistência, empoderamento e luta antirracista. / Mona Lisa da Silva. – Redenção, 2016.

48 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues Silva.
Inclui Referências.

1. Negras - Brasil - Condições sociais. 2. Mulheres negras. 3. Blogosfera – Fenômeno social. 4. Blogueiras negras I. Título.

CDD 305.480981

À todas as mulheres negras presentes neste trabalho,
símbolos de resistência e luta antirracista.

AGRADECIMENTOS

Sou infinitamente grata a minha mãe, Maria Dimas da Silva, por ter sido sempre símbolo de resistência negra manifesta no simples fato de existir. Por sempre incentivar e acreditar em mim e por me mostrar que o lugar de mulher negra e da periferia é onde ela quiser. Obrigada, mãe!

Agradeço também a minha avó, Adelaide de Araújo da Silva, minha tia, Medinoneira Braga da Silva e minha irmã, Cristina da Silva, por estarem sempre ao meu lado.

As minhas amigas, Marcela Chaves Ribeiro e Regilene Alves Vieira, muito obrigada por dividirem angústias e risadas e principalmente por aguentarem conviver ao meu lado mesmo nos momentos de estresses. À minha grande amiga Beatriz Ricarte Santos, por não me deixar desanimar, por me motivar e por dividir comigo não só as angústias da vida universitária, mas por dividir também os momentos felizes. Sem vocês, minha trajetória acadêmica teria sido muito mais difícil.

E por último, mas não menos importante, agradeço à minha querida orientadora Vera Rodrigues, por acreditar na minha proposta, por aceitar o desafio e pela paciência durante a construção deste trabalho, bem como pelo exemplo de mulher negra e guerreira na luta árdua contra o racismo.

Enfim, obrigada à todas e a todos que se fizeram presentes, de alguma forma, nessa minha caminhada.

Eu,

Mulher negra,

Resisto!

- Alzira Rufino

RESUMO

Baseando-se no fato de que a blogosfera enquanto fenômeno social é um espaço de criação, produção de saberes e resistência, o presente trabalho objetiva analisar como as blogueiras negras utilizam a blogosfera como estratégia de resistência, afirmação de identidade e empoderamento da mulher negra em contraposição às formas que comumente são apresentadas nas mídias tradicionais – jornais, revistas, TV entre outros –. Assim posto, faz-se necessário refletir sobre o feminismo negro e sobre o movimento negro, pois os frutos alcançados por estas blogueiras, nos dias de hoje, fazem parte de uma luta ancestral dos afro-brasileiros. A discussão sobre o papel da mídia na produção e reprodução de estereótipos e de discursos racistas também se torna fundamental, uma vez que a mídia veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, corrobora com o mito da democracia racial e discrimina os negros, uma vez que a mídia constrói e reconstrói o mundo por quem controla e patrocina os meios de comunicação. Nesse sentido, pretende-se com este trabalho, voltar o olhar para a forma de resistência que as mulheres negras encontraram para se opor aos estereótipos e aos papéis sociais em que são apresentadas nas mídias tradicionais, utilizando assim, a rede de blogs para a afirmação não só de sua identidade, mas contribuindo também no processo de empoderamento de suas leitoras.

Palavras-chave: mulher negra, mídia, discurso racista, identidade, empoderamento.

ABSTRACT

Relying on the fact that the blogosphere as a social phenomenon is a space for creation, production of knowledge and strength, the present study aims to analyze how the black bloggers use the blogosphere as a strategy, identity affirmation and empowerment of black women in opposed to forms that are commonly presented in traditional media - newspapers, magazines, TV and more. From this way, it is necessary to reflect on black feminism and the black movements as the fruits achieved by these bloggers, currently, are part of an ancient struggle of african-Brazilian. The discussion on the role of media in the production and reproduction of stereotypes and racist speeches also becomes important, since the media conveys a speech that naturalizes white superiority, corroborating to the myth of racial democracy and discriminates against blacks, once the media builds and rebuilds the world for who controls and sponsors the media. In this sense, it is intended with this work, to look again at the form of resistance that black women found to oppose the stereotypes and social roles in which they appear in traditional media, thus using the network of blogs to the statement not only their identity but also contributing to the empowerment process of its readers.

Keywords: black woman, media, racist discourse, identity, empowerment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: “NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”	11
1.1 Mulheres Negras Brasileiras em Movimento	12
2.2 Movimento Negro e Imprensa Negra no Brasil	18
CAPÍTULO 2: MÍDIA E RACISMO NO BRASIL	24
2.1 O papel da mídia na produção e reprodução do discurso racista	26
2.2 Mídia e Identidade: O “Eu” e o “Outro”	29
Capítulo 3: Nós por Nós! Vozes de mulheres negras na internet na luta antirracista	32
3.1. Quando descobri que não estava sozinha.....	33
3.2. Afinal, quem são essas mulheres?.....	34
3.3. “Desliga a TV e vem para rede”: estratégia de luta, resistência, ressignificação e empoderamento da mulher negra	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procurarei compreender, a partir de uma reflexão sobre o feminismo negro, mas principalmente sobre como as blogueiras negras – responsáveis pela produção de conteúdo de blogs – utilizam a blogosfera como estratégia de visibilidade, resistência, afirmação de identidade e empoderamento da mulher negra em contraposição às formas que comumente são representadas e difundidas principalmente nas mídias tradicionais – jornais, revistas, TV, imprensa em geral –.

Irei empregar o termo “blogosfera” entendido por Lym (2009, apud JIMÉNEZ 2014) como um sistema auto organizado de nós, redes e fluxos, como uma rede de blogs conectados por temas e assuntos comuns entre si, onde é possível a interação entre emissores e receptores¹ que se comunicam por mensagens e comentários.

Dessa forma, procurarei propor pistas que contribuam para descentrar as narrativas eurocêntricas dominantes, apostando numa tecedura da história enquanto rede global, composta de múltiplas narrativas.

Nesse sentido, questiono-me sobre quem fala acerca das mulheres negras. Quem tem o direito ou as credenciais necessárias para produzir, descrever, comentar ou apresentar opiniões sobre elas, seu modo de ser, vestir, viver, sobre sua cultura?

Reconheço que a questão da estereotipia e da invisibilidade do negro na mídia vem sendo tratada com muita frequência no campo acadêmico, no entanto além de perceber a necessidade de discutir sobre estas questões, considero importante, para os debates sobre identidade e pertencimento, analisar como as representações sociais veiculadas nos blogs – de mulheres negras e para mulheres negras – podem contribuir como mecanismo de empoderamento.

O foco deste trabalho será a forma de resistência que as blogueiras negras encontraram para se opor aos estereótipos e aos papéis sociais que lhes são dados pelas mídias tradicionais, utilizando a rede de blogs para a afirmação não só de sua identidade, mas contribuindo também no processo de construção da identidade de suas leitoras, utilizando assim do universo feminino para resgatar valores da cultura afro-brasileira.

Importa então salientar que neste trabalho, a minha visão sobre o tema aqui apresentado reflete o lugar em que me encontro, uma vez que o contexto ou ambiente no qual o pesquisador se coloca ou está acaba por, inevitavelmente, determinar sua posição enquanto acadêmico.

¹ Vale a pena ressaltar que muitas vezes os papéis acabam por se confundir. Tendo em vista, que na blogosfera uma mesma pessoa pode ser emissor e receptor.

Sendo assim, enquanto mulher nordestina, negra, da periferia e estudante de Humanidades, me vejo instigada a tratar dessa temática voltando o olhar para a forma que as mulheres negras encontraram para afirmar sua identidade, valorizar sua cultura e ressignificar a forma que comumente são representadas pelas mídias.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar como a blogosfera, enquanto um ambiente de produção e consumo de informação, serve como elemento de resistência, luta e afirmação de identidade de mulheres negras que se sentem – assim como os negros em geral, e isso independe do gênero – invisibilizadas nos meios de comunicação como a televisão, as revistas publicitárias, os jornais, dentre outros ou que não se percebem representadas nestes meios quando, por exemplo, há representações estereotipadas. Uma vez que a mídia apresenta quase sempre uma imagem distorcida da/o negra/o brasileira/o, o que acaba por além de limitar a presença do negro, segregá-lo, fazendo com que ele não se reconheça nas representações feitas pelas mídias tradicionais.

Partindo do pressuposto de que através da análise de discurso podemos encontrar respostas para as questões formuladas, a metodologia utilizada será a de análise de discurso. Utilizarei como objeto empírico de estudo 07 blogs que tratam sobre questões relacionadas ao universo feminino, a partir da visão feminina negra, tendo dessa forma um recorte de gênero e de raça. No entanto, faz-se necessário ressaltar que não irei analisar blog por blog, mas o conjunto de ideias e ideologias que perpassa e que conecta todos os blogs. Ou seja; os blogs enquanto mídia não serão exatamente o foco, mas os discursos que são veiculados através da blogosfera.

O trabalho está dividido em três partes. O capítulo 1, “Nossos passos vêm de longe”, traz um breve quadro acerca do feminismo negro e do movimento negro, pois faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o feminismo negro e sobre o movimento negro no Brasil, a fim identificar o fato de que as discussões existentes hoje nos blogs que serão aqui apresentados, embora utilizem um mecanismo “moderno”, estão há muito tempo nas pautas dos movimentos negros, e isto inclui também o feminismo negro, fazendo assim, parte de uma luta ancestral dos afro-brasileiros. O que mudou foi apenas a estratégia e o espaço que está sendo utilizado para combater o racismo.

O capítulo 2, “Mídia e racismo no Brasil”, traz a problematização do papel da mídia brasileira na produção e reprodução dos estereótipos e dos discursos racistas, além de discorrer sobre como a mídia influencia nos processos de construção de identidade. O capítulo 3, “Nós por Nós: Vozes de mulheres negras na internet na luta antirracista”, ocupa-se em apresentar e analisar os discursos veiculados pelas blogueiras negras na blogosfera, a fim de evidenciar

como essas blogueiras desconstroem as narrativas do “Outro” para com o “Eu”, rearticulando assim os fios condutores de suas histórias.

CAPÍTULO 1: “NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”

São evidentes os sinais de maturidade e crescimento da onda do feminismo negro. Nas ruas já se fazem notar os cabelos crespos ou trançados e turbantes coloridos, na contracultura do alisamento que marcou os penteados femininos, das brancas inclusive, nos últimos tempos. Décadas de luta do movimento negro, somadas às políticas inclusivas nas universidades dos últimos anos, à multiplicação de saraus pela periferia e de blogueiras negras na rede já exibem frutos. (GELEDÉS)²

A citação acima é um trecho de uma postagem referente aos eventos – ocorridos no mês de julho de 2015 em São Paulo: I Virada Feminista e I Marcha do Orgulho Crespo – organizados, sobretudo, por feministas negras no início do segundo semestre de 2015, e demonstra como o movimento negro, sobretudo o movimento de feministas negras, tem se articulado nos últimos anos e que estratégias têm sido utilizadas como ferramentas de enfrentamento ao racismo, sexismo e a segregação social.

É nesse contexto que apresento as blogueiras negras, cujo trabalho tem demonstrado papel essencial na militância em pauta, evidenciando quão falhas tem sido as correntes feministas tradicionais em (des) considerar questões relativas às desigualdades vivenciadas pelas mulheres negras.

Nesse sentido, à importância de uma discussão que evidencie o feminismo negro como estratégia de empoderamento que se justifica principalmente pelo fato de que as linhas feministas mais conhecidas – radical, liberal, socialista – vem demonstrando inconsistência no tocante à compreensão do contexto vivenciado por mulheres negras. Assim, entendo ser necessário articular uma análise holística das diversas categorias que compõem a sociedade, a fim de elaborar algumas reflexões a respeito de como aspectos como raça, gênero, classe social, cultura, etc influenciam nas relações de desigualdades no Brasil. Tendo em vista, portanto, que as mulheres negras enfrentam problemáticas inerentes não somente à questão de gênero, mas também ao pertencimento étnico-racial, faz-se necessário compreender que, conforme enfatiza Oliveira:

Raça e gênero, portanto, são categorias que não devem ser separadas; uma análise profunda das relações sociais no Brasil só se tornará completa quando houver o entendimento de que o cruzamento entre ambas as categorias (entre outras) é essencial para que políticas que atendam às necessidades do público mais necessitado sejam implementadas. (2008, p. 82)

Ao mesmo tempo, outro referencial deve ser lembrado, pois considero os feitos da resistência negra – ou seja; os movimentos negros – importantes na luta antirracista. Uma vez

² A publicação completa pode ser encontrada em: < <http://www.geledes.org.br/a-supreendente-ascensao-do-feminismo-negro/> > Acessado em 10/04/2016.

que o reconhecimento político dos últimos anos só se tornou possível, graças às mudanças ocorridas nos diversos setores do governo, mas, sobretudo nas universidades públicas, frutos da implementação de políticas e práticas de ações afirmativas voltadas à população negra e que foram, sem sombra de dúvida, resultado de suas reivindicações.

Sendo assim, trarei à tona um breve relato acerca dos movimentos negros, entendidos aqui neste trabalho como movimentos promovidos por negros tanto no período pré-abolição como no período pós-abolição a fim de lutar contra a escravidão, o preconceito e o racismo, bem como luta pela valorização e resgate de sua cultura, memória e identidade.

Ainda nesse sentido, os estudos sobre o movimento negro nos apontam para o surgimento, ainda no século XX e nas últimas décadas do século XIX, de jornais escritos por negros na cidade de São Paulo e que desempenhavam o papel educativo na denúncia da violência policial e do racismo.

Face ao explicitado, torna-se necessário falar, ainda que brevemente, sobre a Imprensa Negra – aqui apresentada, tendo como base as reflexões de Muniz Sodré – como elemento norteador das reivindicações específicas pela alteração da imagem do negro nas diferentes formas de representação – desde sempre marcada por estereótipos e associadas à escravidão e subalternidade –. Segundo Sodré:

A imprensa negra do passado era também política, ainda que não necessariamente partidária: tratava-se de exprimir os anseios ascensionais ou integracionistas de um grupo social estigmatizado pela cor e pela origem escrava. Era uma imprensa, portanto, impelida pela luta anti-racista (*sic*), ainda que suas estratégias nem sempre tenham-se pautado por posições muito nítidas ou ideologicamente progressistas. (1999, p. 247)

Desse modo, a fim de compreender os questionamentos pautados no presente trabalho, e de melhor contextualizar os aspectos evidenciados acima, retorno, então, ao passado, para compreender os passos que ousamos avançar no presente.

1.1 Mulheres Negras Brasileiras em Movimento

A partir das análises sobre a trajetória da mulher negra no Brasil, percebe-se que a mulher negra sofre, como herança de seu passado colonial, uma dupla e às vezes até tripla discriminação, uma vez que possui sua identidade feminina estigmatizada. Primeiro por ser mulher – gênero –, segundo por ser negra – raça – e às vezes, também por ser pobre – social –. É nesse contexto que o feminismo negro surge, exigindo a reelaboração do discurso e práticas

políticas dentro do movimento feminista, a fim de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino.

De acordo com Sueli Carneiro (2003a,) a Constituição de 1988 desempenhou um papel fundamental no que se refere ao movimento de mulheres negras no Brasil, uma vez que o encaminhamento da constituição contemplou aproximadamente 80% das propostas do movimento, mudando assim o status jurídico da mulher brasileira. Em relação ao acesso ao poder, diversas campanhas trouxeram a aprovação do projeto de lei, de iniciativa da deputada Marta Suplicy, onde era reservado 20% das legendas dos partidos para as mulheres.

Deve-se destacar ainda, a criação dos Conselhos da Condição Feminina, as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (Deams), bem como os abrigos institucionais para a proteção de mulheres em situação de violência. De forma geral, todos esses órgãos são voltados para a promoção de igualdade de gênero e combate à discriminação e violência contra a mulher.

É inegável que o movimento feminista no Brasil, desde seu início está engajado nas lutas populares e nas lutas pela democratização do país. As feministas participaram, por exemplo: das lutas pela anistia, pela descriminalização do aborto – que penaliza as mulheres de baixa renda, e que assim o fazem em condições precárias. O que só aumenta os índices de mortalidade materna no país –, por creches – importantíssimas, sobretudo, para estas mesmas mulheres que são criminalizadas por praticar o aborto –, entre outras coisas.

No entanto, assim como outros movimentos sociais da sociedade brasileira, o feminismo, durante muito tempo, manteve-se preso em uma visão universalizante e eurocêntrica. Como consequência disso, tornou-se incapaz de reconhecer as especificidades raciais, étnicas, culturais, religiosa e de classe social existente não somente no universo feminino, mas na sociedade brasileira. Sendo assim, como enfatiza Sueli Carneiro, “as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade”. (2003a, p.118)

Lélia Gonzalez *apud* Sueli Carneiro nos aponta dois tipos de dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras dentro do feminismo brasileiro:

[...] de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada

tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo. (GONZALEZ *apud* CARNEIRO, 2003a, p.120)

Nesse contexto, as mulheres negras que se encontravam no interior do movimento feminista no Brasil, buscando diferenciar a identidade branca e ocidental da identidade da mulher negra que também se encontrava no feminismo brasileiro da época, revelavam a insuficiência teórica e prática do feminismo, pois se faz necessário uma perspectiva feminina na qual o gênero seja uma variável teórica. Sendo assim, Sueli Carneiro destaca que

[...] grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. (2003a, p.119)

No tocante a realidade vivida pelas mulheres negras – foco desta pesquisa –, Sueli Carneiro aponta outra variável – a racial – que deve ser levada em conta, já que

[...] produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas). (CARNEIRO, 2003a, p.118)

Neste sentido, compreendo que, no Brasil, essa subalternização do gênero implica na seguinte categoria: O homem branco em primeiro lugar; em segundo a mulher branca; em terceiro o homem negro; e por último, a mulher negra³.

Em consequência dessa subvalorização Carneiro segue dizendo que o “racismo rebaixa o *status* do gênero”. (2003a, p.119) E assim, “institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes”. (2003a, p.119)

A emergência de um feminismo negro, construído nesse contexto de sociedades multirraciais e racistas – como é o caso da sociedade brasileira – se torna imprescindível pelo que já foi explicitado anteriormente, uma vez que tem como eixo articulador o racismo e seus impactos sobre as relações de gênero, pois como sabemos, é ele – o racismo – quem determina a hierarquia de gênero em nossa sociedade. Assim posto, um feminismo negro, preocupado com a luta contra as opressões de gênero e de raça vem apresentar novas possibilidades para a ação política feminista e antirracista. O que fortalece tanto a discussão racial como a de gênero. Para Sueli Carneiro:

³ Importa salientar, que poderiam ser incluídos nessa categoria hierárquica homens e mulheres indígenas, mas a fim de delimitar o universo de pesquisa aqui apresentado, sustento a categoria anteriormente apresentada.

Esse novo olhar feminista e anti-racista (*sic*), ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelo movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (2003b, p.02)

Esse novo olhar feminista e antirracista tem como resultado, desde meados dos anos de 1980, novas organizações de mulheres negras empenhadas em assegurar, seja através dos movimentos populares, movimentos negros e movimentos feministas, propostas que contemplem a agenda específica das mulheres negras do país. Sob esse enfoque, Gomes enfatiza que:

A partir da experiência de reprodução das desigualdades de gênero, vividas no interior do próprio movimento negro, as mulheres negras se organizaram e fundaram nos anos de 1980, o Movimento das Mulheres Negras que hoje faz parte de uma articulação latino americana e internacional de mulheres negras. As mulheres negras, hoje, ocupam um espaço na militância política, nas ONG'S, nos projetos educacionais. Podemos dizer que a questão de gênero só passou a ser pautada como uma forte preocupação da prática e das questões do movimento negro devido à pressão das mulheres negras. Estas têm exercido uma luta contínua não só no interior da comunidade negra, mas no debate com o Estado para a implementação de políticas públicas de saúde, emprego e educação que contemplem a articulação entre raça e gênero. (2011, p.141)

A citação acima evidencia que as vozes femininas negras denunciavam, em alto e bom som, que vivenciavam formas de discriminações dentro e fora de suas próprias entidades. Denunciaram então o sexismo no interior do movimento negro e cobraram de seus companheiros uma participação igualitária na tomada de decisões, além de ocupação nos postos de liderança e de reivindicarem, nas pautas do movimento, temas que atingiam e atingem diretamente a condição de ser mulher negra.

Nesse ponto, as mulheres negras começam a se interessar pelo movimento feminista, mas como também não se sentiam contempladas pelas pautas feministas, uma vez que percebem a dificuldade de também falar, neste meio, sobre as especificidades do que é ser mulher negra, a necessidade dessa discussão as levam para um caminho onde foi possível integrar as lutas contra a opressão de classe, raça e gênero. Dessa forma iniciava-se o Movimento das Mulheres Negras (MMN) no Brasil.

Silva (2000) aponta que o MMN se iniciou em Bertioga, São Paulo, em 1985 em consequência do III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe e embora tenha acontecido alguns desentendimentos, a participação das mulheres negras no evento foi importante, pois demonstrou a necessidade de se pensar em uma organização onde as especificidades das mulheres negras fossem tratadas com prioridade.

Já em 1987 é criada a ONG Maria Mulher – Grupo de Mulheres Negras⁴, no Rio Grande do Sul. A ONG visa a efetiva inclusão das mulheres negras em todos os setores da vida e lutam pela defesa dos direitos humanos das populações marginalizadas e excluídas, principalmente de Afrodescendentes, bem como atuam no enfrentamento às discriminações de raça, classe e gênero. É importante destacar que o Grupo Maria Mulher desde sua criação esteve presente em todos os momentos das organizações de Mulheres Negras no Brasil.

Nesse mesmo ano na cidade de Garanhuns em Pernambuco, aconteceu o IX Encontro Nacional Feminista. As mulheres negras, assim como no III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, não se viram contempladas nas pautas feministas do evento e denunciaram a ausência das discussões que envolviam a questão racial.

Em 1988, na cidade de Valença no Rio de Janeiro, ocorreu o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (I ENMN) onde foi consolidado o Movimento de Mulheres Negras. Seus objetivos gerais, segundo Silva eram:

Denunciar as desigualdades sexuais, sociais e raciais existentes; fazer emergir as diversas formas locais de luta e a autodeterminação face às formas de discriminação existentes; elaborar um documento para uma política alternativa de desenvolvimento; encaminhar uma perspectiva unitária de luta dentro da diversidade cultural e política das mulheres presentes ao Encontro; estabelecer grupos de trabalhos para registros e posterior retorno às participantes; realizar um diagnóstico da mulher negra; discutir as formas de organização das mulheres negras; elaborar propostas políticas que façam avançar a organização das mulheres negras, colocando para o mundo a existência do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, de forma unitárias e diferentes vertentes políticas. (2000, p.03)

Nesse mesmo ano, é criado a Fundação do Geledés - Instituto da Mulher Negra⁵. O instituto é uma organização política de mulheres negras que lutam contra o racismo e o sexismo, pela valorização e pela promoção das mulheres negras. O Geledés vem discutindo, ao longo dos anos, sobre a problemática da mulher negra como elemento fundamental para a temática de gênero na sociedade brasileira e impulsionando o debate sobre a necessidade de adoção de

⁴ Mais informações sobre a ONG Maria Mulher podem ser visualizadas em:< <http://www.mariamulher.org.br/index.php/sobre-nos>>. Acessado em 17 abr. de 2016.

⁵ Mais informações sobre o Instituto Geledés podem ser visualizadas em:< <http://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/>>. Acessado em 17 abr. de 2016.

políticas públicas inclusivas para a realização do princípio de igualdade e oportunidades para todos. Nesse sentido, o Geledés tem atuado juntamente com os diversos movimentos sociais, na definição de políticas públicas que tem como objetivo a eliminação das discriminações sofridas por mulheres e negros no Brasil.

Em 1991, ocorreu em Salvador, Bahia o II Encontro Nacional de Mulheres Negras (II ENMN) e o que marca o evento é o reconhecimento de que a sociedade é múltipla, machista e racista e que todos são frutos dessa estrutura social e educacional. Seus objetivos estavam relacionados à importância de uma militância mais ativa. Além de incluírem em seus debates temas como a esterilização em massa.

Em 1992 surge a organização Criola⁶, que tem como objetivo a criação e consolidação de uma organização de mulheres negras na luta pela defesa e promoção de direitos das mulheres negras em uma perspectiva integral e transversal, visando assim sua inserção enquanto agentes transformadores.

Neste mesmo ano, outro marco deve ser considerado. A criação do dia da Mulher Afro-latino-americana e afro-caribenha durante o I Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas em Santo Domingos, República Dominicana. Este dia foi então estipulado como o marco internacional da luta e da resistência da mulher negra.

Em 1993 aconteceu na cidade de Itapeverica da Serra, São Paulo, o Seminário Nacional de Políticas Públicas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras. O evento tinha como foco discutir políticas públicas para a saúde, relacionados à maternidade, sexualidade e controle da natalidade. Ocorreu também, nesse ano, na cidade de Itibaia, São Paulo, o I Seminário Nacional de Mulheres Negras. O seminário objetivava construir um espaço democrático e coletivo que possibilitasse o avanço das organizações de mulheres negras em território nacional.

Já em 1995, a nível nacional, ocorreu em Beijing, China a IV Conferência Mundial sobre a Mulher. A participação das mulheres negras neste evento possibilitou que elas ampliassem a discussão acerca da questão racial em um nível mundial, evidenciando dessa forma que o racismo se manifesta em todas as sociedades, embora se manifeste em intensidades diferentes.

No ano de 1997 aconteceu em Campinas, São Paulo, a I Reunião Nacional de Mulheres Negras, e tinha como objetivo avaliar o II Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas bem como definir a representação brasileira no evento. Nesse mesmo ano acontece

⁶ Mais informações sobre a Organização Criola podem ser visualizadas em: < <http://criola.org.br/>>. Acessado em 17 abr. de 2016.

a II Reunião Nacional de Mulheres Negras em Belo Horizonte, Minas Gerais. O objetivo da reunião é dar continuidade aos temas abordados na reunião anterior.

Os anos que se sucederam foram marcados por diversos eventos, como as Pré-conferências organizadas, sobretudo, pelo Instituto Geledés (SP), Criola (RJ) e Maria Mulher (RS) para deliberar a participação de representantes das organizações de Mulheres Negras do Brasil na III conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância que aconteceu em 2001 na África do Sul. Já em 2015, ocorreram em São Paulo a I Virada Cultural Feminista e a I Marcha do Orgulho Crespo e, em Brasília, a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver.

Nesse contexto, o ponto em comum entre o feminismo negro e o movimento negro – que será abordado a seguir – é a luta pela afirmação de suas diferenças, para que deixem de ser justificativas legitimadoras de desigualdades sociais enfrentadas cotidianamente por mulheres e homens negros.

1.2 Movimento Negro e Imprensa Negra no Brasil

É inegável a contribuição do Movimento Negro para a construção de uma sociedade que além de igualitária seja capaz – depois de revisar a história oficial – de valorizar a cultura afro-brasileira, bem como inserir negras e negros junto aos diversos setores da sociedade brasileira. O que, dessa forma, irá garantir além do acesso equitativo, a correção das disparidades existentes há séculos na sociedade brasileira.

Para Cunha Júnior “o Movimento Negro é uma organização política que cumpre com o papel de explicar a contradição racial no cenário brasileiro” (1992, p.120). Dessa forma, deve ser entendido como uma organização social que procura articular o desenvolvimento da cidadania e da democracia da sociedade brasileira e como tal, destaque-se como sujeito político cujas reivindicações são capazes de sensibilizar e influenciar o governo brasileiro a fim de garantir direitos. O que pode ser percebido através da Lei nº 10.639/2003,⁷ que altera a Lei nº 9.394/1996, para que seja incluída no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, bem como da lei de cotas – Lei Federal 12.711/2012 que vem garantindo o acesso dos negros nas universidades brasileiras –.

Importa salientar que o movimento negro parte do pressuposto que a história oficial difundida no Brasil é constituída pela ótica do branco racista – o que faz com que o negro seja

⁷ Mais detalhes sobre a Lei 10.639 estão disponíveis em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 17 out. 2015.

visto como aquele ser “oprimido, incapaz e submisso” –. E justamente por isso, parte do pressuposto de que é necessário negar a história oficial, além de contribuir com a construção de uma nova representação do povo negro na sociedade brasileira. Segundo Barbosa e Santos:

O movimento negro se radica na tradição comum, ele busca da tradição os elementos que permitam perceber-se a si próprio. Simultaneamente, ele é a afirmação de uma negatividade histórica, de um papel desempenhado na História. Ele é a busca de um outro em si mesmo, para além da alteridade desse outro presente, que não é de si. (BARBOSA; SANTOS, 1994 *apud* GOMES 2011, p.136)

Assim posto, o movimento negro desse período, constitui-se como outra alternativa de entendimento do real. Seria isso que o distinguiria dos demais movimentos sociais da década de 1970. Posto que nessa época, o movimento negro – enquanto movimento social e político – começa a estimular o direito de igualdade entre negros e brancos na busca por uma sociedade brasileira mais igualitária baseada principalmente pelo acesso à educação. Segundo Ribeiro:

No final dos anos 70, o movimento negro, que esteve desmobilizado desde a implantação do governo militar, o governo Médici, ressurgiu no Brasil e passa a se constituir uma nova fase no processo histórico das mobilizações negras. Apesar de ser o período mais repressivo do regime militar, nele começa a retomada da luta dos negros contra o preconceito e a discriminação racial, principalmente influenciados por acontecimentos em nível nacional e internacional, como a abertura política, os movimentos de libertação dos países africanos, a radicalização da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e a libertação de Angola. (2000, p.90)

Bacelar (2003 *apud* LIMA 2008, p.40) também evidencia que o movimento negro foi influenciado nacional e internacionalmente e destaca a constituição de blocos de índios⁸. Além disso, foram influenciados pelo grupo Jackson Five, pelo Black Soul, pelos movimentos dos Panteras Negras e pelas figuras de Ângela Davis, Martin Luther King e Malcom X nos Estados Unidos. Bem como pelos movimentos de resistência popular, já citados por Ribeiro (2000, p.90), contra o colonialismo nos países africanos, tal como Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Faz-se necessário ressaltar que essa retomada do movimento negro, ocorrida no final dos anos 70, foi influenciada pelas lutas iniciadas na década de 60 – ou antes, disso, no período da escravidão –. E como tal, “[...]faz parte de uma trajetória de luta e de resistência do povo negro que remonta aos quilombos, aos terreiros, às irmandades, aos grupos, às associações, à imprensa negra, até as organizações atuais do Movimento Negro[...]” (LIMA, 2009, p.36)

⁸ O termo “índios” referia-se aos moradores de bairros populares, de predominância negra. Esses blocos tinham como expressão o samba e desenvolveram temas ligados à cultura afro-brasileira (Lima 2008, p. 40).

A Revolta dos Alfaiates⁹ ou Conjuração Baiana, ocorrida em 1789, por exemplo, é um exemplo de movimento negro antes mesmo da abolição da escravatura, ocorrida apenas em 1888. Esse movimento tinha como objetivo a liberdade dos escravizados, bem como a igualdade e um Brasil independente.

Dessa forma, temos em 1835 a Revolta dos Malês¹⁰, ocorrida na atual cidade de Salvador, Bahia onde africanos e seus descendentes protagonizaram uma luta contra a escravidão e a imposição da Igreja Católica, que os impedia de praticarem sua religião Mulçumana. Faz-se necessário pontuar que mesmo após a abolição em 1888, os ex-escravizados continuaram sendo discriminados.

Em 1910, temos a Revolta da Chibata¹¹. Um exemplo de luta pós- abolição, onde o marinheiro negro João Cândido Felisberto, na cidade do Rio de Janeiro, liderou o movimento. Seus integrantes opunham-se ao modo como eram tratados na marinha brasileira do século XX.

Segundo Sodré em 1915, num contexto marcado pela “exclusão político-econômica e de degeneração de cidadania real” (1999, p.239), surge a Imprensa Negra que, até o advento da Nova República, caracteriza-se pela tentativa de fazer o negro integrar-se na sociedade global. Evidenciando o fato de que nessa época, predominava “a moral puritana, valorizada como meio de obtenção de respeitabilidade e equiparação aos padrões brancos” (1999, p.239).

É necessário destacar que no período do surgimento da imprensa negra no Brasil, o país ainda passava por processos relacionados ao período da Abolição da Escravatura (1888) e da Proclamação da República (1889), pois como se sabe, foi um processo lento, que se deu a partir da proibição do tráfico negreiro em consequência da mão-de-obra imigrante que estava sendo contratada para trabalhar – mesmo antes da assinatura da Lei Áurea – no lugar dos negros aqui escravizados.

Sendo assim, os ex-escravizados encontravam-se desassistidos, pois não houve nenhum tipo de mecanismo que os incorporasse no ideário da sociedade brasileira pós-proclamação da república. Assim posto, os ex-escravizados, bem como o restante da população controlada por oligarquias regionais, eram excluídos do processo eleitoral. Isso fazia com que suas chances de ter uma representatividade política não existissem (Sodré, 1999, p.239).

⁹ Os dados referentes à Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana podem ser vistos mais detalhadamente em: <<http://historiasylvio.blogspot.com.br/2013/07/inconfidencia-baiana.html>>. Acessado em: 19 de jan. de 2016.

¹⁰ Já os dados referentes à Revolta dos Males podem ser vistos em: <<http://educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>>. Acessado em 19 de jan. de 2016.

¹¹ Os dados referentes a Revolta das Chibatas podem ser visualizados de forma detalhada em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_chibata/do_estopim_ao_abaixo_a_chibata.php>. Acessado em 19 de jan. de 2016.

Silva e Rosemberg (2008) apontam-nos que durante esse período pós-abolição da escravidão, as relações raciais e políticas existentes entre brancos e negros eram marcadas por três processos que corroboram com o que foi descrito acima. Segundo os autores:

- a) Não houve no Brasil uma legislação de segregação étnico racial, não ocorrendo assim uma definição legal de pertença racial;
- b) Não foi desenvolvida nenhuma política específica que integrasse os negros libertos. O que colaborou com as bases do processo histórico de desigualdades sociais existentes até hoje entre negros e brancos;
- c) As políticas racistas eugenistas, que foram desenvolvidas na Europa no século XX, incentivaram a imigração europeia branca a fim de embranquecer a população.

Nesse período, segundo Sodré, duas realidades se contrapunham:

De um lado, havia as ameaças etnocidas expressas nos discursos médico-eugenistas ou mesmo antropólogos, que classificavam negativamente o afrodescendente como partícipe do processo educacional [...] Do outro lado, todo um esforço de integração social por parte dos afrodescendentes. (1999, p.240)

Em 1930, no mesmo período da Nova República, consequência da Revolução do mesmo período, surge a segunda fase da imprensa negra¹². Nesse período, A educação, antes vista como meio de ascender socialmente, ganha um caráter político-educacional incentivado pelo Governo Federal.

Nesse período, destaca-se a Frente Negra Brasileira (FNB)¹³ que apresentava um caráter político e surgiu em São Paulo, em 1931 e tinha a intenção de se articular nacionalmente. É importante destacar que a FNB também promovia o entretenimento e a educação dos seus membros, bem como criou escolas e cursos de alfabetização para crianças, jovens e adultos. A FNB foi extinta em 1937 em consequência do decreto do mesmo ano assinado por Getúlio Vargas. Decreto este que considerava todos os partidos políticos ilegais.¹⁴ Destaca-se ainda, o jornal *A Voz da Raça*, que sustentava posições político-ideológicas direcionadas contra o preconceito de cor. Embora como enfatiza Sodré:

[...] apesar do tom de protesto social, o horizonte político é integracionista, voltado para o aprimoramento escolarizado da consciência, a fim de melhor acomodar-se à sociedade branca com todos os seus valores. E não era para menos, assim: assim como a Ação Integralista Brasileira, à qual estavam ligadas algumas de suas facções, a Frente Negra pautava-se pelos princípios

¹² Sodré evidencia que a classificação da Imprensa Negra foi feita por Roger Bastide, citado em *A imprensa negra do estado de São Paulo*, p.52-54 e está assim dividida: Primeira fase de 1915-1930, segunda fase de 1930-1937, terceira fase de 1945-1963 e por fim, pós 1970.

¹³ Os dados referentes a Frente Negra Brasileira podem ser visualizados mais detalhadamente em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=2913&lang=en>>. Acessado em 19 de jan. de 2016.

¹⁴ Em 1936 A Frente Negra Brasileira transformou-se em partido político.

fascistas do nacionalismo, catolicismo e autoritarismo. Socialmente excluído, o indivíduo negro aspirava tão-só à igualdade econômica e política, acompanhada do respeito racial. (1999, p.240)

Já em 1944, destaca-se o Teatro Experimental do Negro (TEN), situado na cidade do Rio de Janeiro e que trabalhava pela valorização social do negro na sociedade brasileira a partir da educação, da cultura e da arte, como nos aponta Abdias do Nascimento:

[...] no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, ou TEN, que se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana européia (*sic*), imbuída de conceitos pseudo-científicos (*sic*) sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte. (NASCIMENTO, 1978 apud VIEIRA 2015, p.10)

No final do período Vargas, ressurgiu a imprensa negra com os jornais *Senzala* e *Alvorada*. Sodré destaca que apesar de não existir mais

[...] o impulso reivindicatório nem a força de mobilização numérica que caracterizavam a Frente Negra [...] existem, depois de 45 a ‘Associação de Negros Brasileiros (de escasso prestígio) e um jornalismo que, embora setorizado, preocupa-se mais com a conjuntura política do país e com a posição diferenciada do negro na sociedade brasileira. (1999, p.241)

Ainda nesse contexto, Sodré (1999, p.241) nos relembra do indigenismo de base antropológica que parece assumir o primeiro plano oficial no debate público em relação as questões de raça. É nesse período que o termo “raça” é ressignificado e “investido de um potencial de revitalização simbólica da subjetividade negra, como algo capaz de levar à superação do estigma étnico” (p.241). Sendo assim, o que antes era considerado negativo pelos discriminadores passa a ser considerado positivo por quem era discriminado.

Nesse sentido, é mister destacar que o termo “raça”, aqui apresentado, assim como nos aponta Guimarães, significa uma ressignificação política. Uma vez que

‘Raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de ‘raça’ permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos –, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ela enseja é impossível de ser tratado sem que lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite. (1999, p. 09)

Assim posto, Sodré (1999, p.241) nos relembra que o termo “raça” agora utilizado a fim de valorização, se resumia apenas ao que estava ligado aos valores ocidentais do que era ser negro na sociedade brasileira da época. Assim sendo, as origens africanas foram ignoradas.

Em 1978, após as pressões ocorridas em 1970 pelo fim da ditadura militar instaurada em 1964, o movimento negro se organiza – assim como os demais movimentos sociais – e cria o Movimento Negro Unificado. Que tinha um caráter internacional e marcou a história do atual movimento negro. Por isso, é considerado um dos principais protagonistas das lutas antirracistas no Brasil. Ainda sobre esse período, pós-pressões militares, Sodré nos aponta para o fato de que

[...] até o final de 1963, o golpe militar silencia, pela segunda vez na História do país, a imprensa negra, esta jamais deixou de refletir os protestos e as esperanças dos descendentes de africanos. Mesmo caracterizada por publicações de pequena tiragem e de curta duração, essa imprensa foi fundamental para a formação de uma consciência diferenciante, atenta a problemas de socialização específicos do negro brasileiro. (1999, p.241-242)

O autor nos aponta ainda que começaram a surgir pequenos jornais negros em toda parte do país que refletiam as linhas ideológicas do Movimento Negro Unificado, que tinha como objetivo desfazer o mito da democracia racial brasileira – ainda presente nos dias atuais – bem como criar estratégias antirracistas.

Nesse sentido, pode-se dizer que as lutas travadas contra a escravidão, no passado, bem como a superação do racismo e da discriminação racial, no presente, são recorrentes na história da população negra no Brasil. A conjuntura Pós Marcha Zumbi dos Palmares, que aconteceu em novembro de 1995 em Brasília, a Marcha Zumbi + 10 – ocorrida dez anos depois da primeira marcha -, a III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, que aconteceu de 31 de agosto a 08 de setembro de 2001 em Durban na África do Sul, são considerados marcos históricos, pois contribuíram, cada um à sua maneira, para que o Movimento Negro no século XXI conseguisse que suas demandas passassem a fazer parte da agenda política do compromisso do Estado Brasileiro.

Assim posto, a Marcha das Mulheres Negras, que aconteceu no dia 18 de novembro de 2015 em Brasília, também faz parte dessas lutas reivindicatórias e evidencia a luta dessas mulheres negras.

Nossos passos vêm de longe, vem desde o continente africano, vem dos terreiros de candomblé. Nunca a população negra teve algum afago. Ao contrário disso, até hoje prevalece as marcas da escravidão, que nunca esqueceremos. A Marcha das Mulheres Negras proporcionou a integração de mulheres negras que antes não tiveram essa chance de se organizar com mais afinco politicamente, apesar de nunca terem ficado quietas diante das atrocidades cometidas contra sua vida de quem as cerca. [...] Nosso saldo foi

extremamente positivo. Sei que o sistema penal não mudou por causa de ontem; sei que as mulheres negras continuam sendo as maiores vítimas do feminicídio; sei que a juventude negra continua a padecer nas mãos do Estado. Mas eu sei que o poder reverberado em cada um presente corpo e alma naquela marcha, foi com certeza um alimento para continuarmos nos articulando em cada frente. Foi combustível para que novas ações cresçam e velhas estratégias sejam reconfiguradas para serem aplicadas. Nossos passos vêm de longe e permanecem em marcha, seja da forma que for – institucional, autônoma, sindical, estética, política, virtual – até que consigamos tudo aquilo que precisamos. Ano que vem as universidades vão ser novamente escurecidas, com a juventude se apropriando e se engajando cada vez mais. (GORDA E SAPATÃO)¹⁵

A Citação acima aponta para o fato de que as lutas travadas pelas blogueiras negras – foco desta pesquisa – é fruto de uma luta ancestral, onde as velhas estratégias passaram a ser reconfiguradas, dando espaço assim às novas estratégias de resistência e luta antirracista. O capítulo a seguir, abre o debate acerca da mídia e de seu papel na produção e reprodução tanto dos estereótipos, quanto dos discursos racistas veiculados nas mídias tradicionais, bem como esses discursos acabam por influenciar as noções de identidades do “Outro” em relação ao “Eu”.

CAPÍTULO 2: MÍDIA E RACISMO NO BRASIL

Embora os negros estejam conquistando os espaços de poder e isto inclui também espaço na mídia, seja em comerciais de TV, telejornais, novelas, filmes e séries é preciso pensar que estes espaços continuam sendo majoritariamente para brancos. É preciso discutir ainda, a forma de representação que está sendo feita e apresentada para a sociedade, pois não basta apenas ocupar os espaços, uma vez que o racismo aparece contextualizado de tal forma que se encontra naturalizado, consequência dos séculos de colonialismo europeu e das subsequentes formas de dominação cultural, onde os “não-europeus os (Outros) foram sistematicamente

¹⁵ A publicação pode ser vista na íntegra em: <<http://gordaesapatao.com.br/minhares-de-hastes-finas-que-qualquer-brisa-verga-mas-que-nenhuma-espada-corta/>>. Acessado em: 07 abr. de 2016.

segregados e tratados como inferiores” (DIJK, 2008, p.11) e posteriormente, acabaram por serem responsabilizados tanto por suas vitórias como por suas derrotas, consequência do “racismo a brasileira”, que justifica a desigualdade social por meio da meritocracia responsabilizando assim o indivíduo.

Como se não houvesse uma distribuição desigual dos benefícios e recursos sociais. Como se não soubéssemos que historicamente, os indivíduos mais pobres são negros, como se não houvesse uma política de genocídio da população pobre e negra, como se os jovens com mais chances de serem assassinados, não fossem negros.¹⁶ Como se as mulheres negras não ganhassem menos pelo trabalho executado por uma mulher branca. Como se as oportunidades de emprego para um negro e um branco fossem iguais. Como se os negros não representassem a minoria nas escolas e universidade, como se a faixa de analfabetismo não fosse maior para pessoas negras. Como se não soubéssemos que os níveis de mortalidade materna entre as mulheres negras não fossem maiores do que os das mulheres brancas.

Sem falar que nos diversos mapas da Violência e que foi abordado a questão da incidência raça/cor na violência letal, para o conjunto da população, concluiu-se que:

- a. Com poucas exceções geográficas, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no País.
- b. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros aumentam. Os números de homicídios de brancos caem de 1.747 em 2003, para 1.576 em 2013. Isso representa uma queda de 9,5% no total de homicídios no período. Já os homicídios de negros aumentam 54,2% no mesmo período, passando de 1.864 para 2.875 vítimas.
- c. Por esse motivo, nos últimos anos, o índice de vitimização da população negra cresceu de forma drástica.¹⁷

Face à realidade apresentada, Sueli Carneiro, aponta-nos para o fato de que:

[...] as disparidades nos Índices de Desenvolvimento Humano entre brancos e negros revelam que o segmento a população brasileira autodeclarado branco apresenta em seus indicadores socioeconômicos – renda, expectativa de vida e educação – padrões de desenvolvimento humano compatíveis com os de países como a Bélgica, enquanto o segmento da população brasileira autodeclarado negro (pretos e pardos) apresenta índice de desenvolvimento humano inferior ao de inúmeros países em desenvolvimento, como a África

¹⁶ Os dados podem ser visualizados de forma completa em:

<<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acessado em 02 fev. de 2015.

¹⁷ Os dados podem ser visualizados de forma completa em:

<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acessado em 07 mar. de 2016.

do sul, que há menos de duas décadas, erradicou o regime do *apartheid*. (2011, p.18)

Os dados apontados anteriormente só comprovam que de fato, existem dois “Brasis”¹⁸, duas classes sociais bem distintas. Onde de um lado, existem sujeitos livres e cheios de possibilidades e do outro; sujeitos incapazes de competir igualmente, pois é exatamente isto que a discriminação de cunho racial faz. Assegura vantagens competitivas para membros de grupos raciais tratados como superiores.

Mas e o que tudo isso tem a ver com a mídia? É preciso levar em conta que os discursos sociais desempenham um papel central na definição de conteúdos discursivos responsáveis tanto pela produção quanto pela reprodução de preconceitos. Silva e Rosemberg afirmam que “a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros”. (2008, p.74),

O termo mídia aqui empregado compreende os diversos tipos, formas e meio de produção cultural de massa, onde podem ser incluídos no meio midiático os jornais, rádios, revistas, literatura, cinema, livros paradidáticos e a TV. O discurso, de acordo com Silva, é compreendido como uma “forma de difusão de significados que exercem papel, ao todo ou em parte, não somente para a difusão e reprodução (de racismo gerado em outras instâncias), mas também para a reprodução do racismo” (2005, p.01). Já o conceito de “discurso racista” será empregado em acordo com Essed (1991 *apud* SILVA, 2005, p.01), assim, será considerado duas dimensões do racismo: a estrutural e a ideológica ou simbólica. O capítulo está dividido em dois tópicos: 1. O papel da mídia na produção e reprodução de discursos racistas e 2. Mídia e Identidade: O “Eu” e o “Outro”)

2.1 O papel da mídia na produção e reprodução do discurso racista

Quando se pensa no papel da mídia na produção e reprodução de discursos racistas, tem que se ter em mente, em acordo com Van Dijk (2008) que o racismo não é algo inato, muito pelo contrário, é algo aprendido e por isso mesmo é discursivo. Ou seja: “baseado na

¹⁸ Sueli Carneiro (2011, 58) ao citar o artigo de Miriam Leitão nos aponta para o fato de que os dados apresentados pelos estudos do IPEA, IBGE, Flávia Oliveira, Marcelo Paixão entre outros, evidenciam a mesma realidade. Que apesar dos discursos elitistas afirmarem que não há preconceito racial, mas diferenças sociais, os números apresentados por estes estudos comprovam o contrário, uma vez que diferenças sociais não são capazes de explicar porque os negros são majoritariamente pobres e os brancos ricos.

conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, dentre outros” (p.15).

Assim posto, tanto as práticas racistas, quanto as formas de discriminação comumente vistas e percebidas cotidianamente, podem ser aprendidas através da observação e da imitação. Isso significa dizer então, que o que os grupos dominantes brancos acreditam saber sobre os Outros – diferentes de si por ser de uma etnia ou de uma classe social que não é a sua – foi formado em conversas, histórias, reportagens de jornais, livros didáticos e discurso político (p.15).

Os estudos sobre desigualdades raciais na mídia apresentam aspectos diversos e características comum, simultaneamente. Silva e Rosemberg (2008) acreditam que isso seja consequência da repetição do mesmo material empírico, o que faz com que a quantidade de pesquisa não seja relativa à quantidade de referências, já que muitas vezes elas se repetem.

No que se refere à representação do negro e do branco na mídia, os autores apresentam quatro particularidades notáveis:

- a) O silêncio da mídia em relação às desigualdades raciais. A mídia atua, então, como mecanismo capaz de invisibilizar as desigualdades tanto raciais como sociais, como se existisse de fato uma homogeneidade cultural na sociedade brasileira;
- b) nos diversos meios midiáticos há uma sub-representação do negro. Sub-representação esta que está inteiramente ligada ao processo de silenciamento das desigualdades raciais observadas na sociedade brasileira;
- c) O branco é tratado como representante natural da espécie. E isso faz com que, além dele representar a grande maioria da população brasileira nos diversos meios midiáticos onde é representado, o público seja também considerado como majoritariamente branco;
- d) negras e negros, adultos ou crianças são representados, na maioria das vezes, por personagens carregados de estereótipos.

Faz necessário apresentar embora de forma bem resumida, a fim de conhecimento, alguns dos estereótipos descritos em pesquisas que descrevem as características específicas dos discursos racistas analisadas Silva e Rosemberg (2008, p. 83-109).

Na Literatura e no Cinema, as pesquisas identificaram que 80% por personagens são brancos enquanto apenas 14% são negros. As porcentagens também apontam para o fato de que enquanto os números de protagonistas brancas aumentam, os números de personagens negras recuam. Outro fato importante evidenciado por Silva e Rosemberg é o de que

[...] as personagens brancas foram a norma social e vários indicadores apontam para seu tratamento literário mais complexo que o das personagens

negras. A mulher negra, além de sub-representação inclusive em relação ao homem negro, quando retratada, a tendência geral é a de reproduzir os papéis estereotipados a muito reservado no discurso público brasileiro, particularmente o de mulata hipersensualizada [...] (2008, p.84)

Além disso, a literatura e o cinema estão carregados de personagens com estereótipos que se referem ao “Bom Crioulo”, a “Mãe Preta”, o “Preto Velho”, o “Escravo Nobre” amplamente associado com o estereótipo do “Negro vítima”. Encontram-se ainda, estereótipos relacionados ao “Negro revoltado”, o “Malandro”, “Nego pervertido”, “Mulata boa”, “Negro infantilizado”, os “moleques” ou os “pivetes de rua” dentre outros.

Os diversos estereótipos apresentados tanto na literatura quanto no cinema, segundo Silva e Rosemberg (2008), corroboram com o ideal do branqueamento, uma vez que não representam o negro enquanto sujeito, mantendo dessa forma uma visão distanciada. Assim posto, seguem evidenciando que “ A busca pela estética negra, que trata o negro como sujeito, é produto de intelectuais negros, que apresentam uma literatura consciente da negritude e que afirma seu orgulho racial” (2008, p.88).

Já em relação a Imprensa, Silva e Rosemberg (2008), apontam para o fato de que as diversas pesquisas apontam para a permanência de estereótipos que associam os negros a profissões inferiorizadas, ocorrências policiais, violência e notícias escandalosas.

Na Televisão, é evidenciado através dos diversos estudos analisados pelos autores que os estereótipos de negro associado ao futebol, carnaval e notícias policiais se repetem. Em relação as atrizes negras, os estereótipos mais comuns se referem a empregadas domésticas e assim como na literatura e no cinema, a “Mulata boa”. Assim posto, “A telenovela, além de repetir o padrão da televisão em geral, nem mesmo defendeu a mestiçagem brasileira” (ARAÚJO 2000b *apud* SILVA; ROSEMBERG 2008, p.97).

É importante destacar que esses personagens, por apresentarem estereótipos ligados a subalternidade, aparecem em proporções baixíssimas e não apresentam quase nenhuma importância nas tramas. Araújo (2000c *apud* SILVA; ROSEMBERG 2008, p.99) assinala alguns avanços na mudança da TV brasileira desde a década de 1990, como o aumento no número de novelas com personagens negros, os personagens quilombolas foram tratados como heróis, apresentadores negros já estão noticiando telejornais entre outras coisas. Entretanto, “a análise em profundidade revela a face do que é chamado, na literatura internacional, de ‘novo racismo’ (Wieviorka, 2000), quando novas estratégias de desvalorização do negro em geral, mais sofisticadas, são utilizadas” (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p.99).

2.2 Mídia e Identidade: O “Eu” e o “Outro”

É fato que embora de forma lenta, consegue-se perceber alguma valorização para com a cultura afro-brasileira, mesmo assim, o que comumente está em evidência é a representação negativa e estereotipada dos papéis representados por atores e atrizes negras, ou seja, o que comumente está em evidência é a construção da não valorização do sujeito negro. Provavelmente comprovando a existência de uma identidade negra apresentada por quem detém o poder, uma vez que, conforme enfoca Van Dijk:

[...] não é o suplente de um político, um modesto repórter ou um professor comum quem define os discursos dominantes, mas os líderes dos grupos dominantes, ou seja, aqueles que determinam a direção ideológica na política, estabelecem a linha editorial na mídia, desenvolvem o currículo dos livros didáticos e da educação, bem como formulam as prioridades da pesquisa acadêmica ou investigação judicial. (2008, p.16)

Sabe-se que ao longo do tempo a mídia tornou-se não só geradora do capital, mas também detentora do poder, uma vez que é um dos instrumentos sociais mais influentes no sentido de produzir significação e interpretação do meio social, pois possui a capacidade de controlar e transformar a notícia em mercadoria, como enfoca Marcondes Filho:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta as normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos e de poder social e de uma forma de poder político. (1989, p.13)

Nessa perspectiva de informação midiática como forma de manipulação ideológica, Costa (2000) torna claro que a ação dos veículos de comunicação corrobora o pensamento dos grupos que possuem os meios de reprodução simbólica, agindo dessa forma como meio de controle ideológico que ajuda a afirmar as relações de poder e fortalecer a construção de identidades. Uma vez que, segundo Van Dijk, é “na cúpula social que os interesses básicos são formulados, negociados e definidos pelos líderes dos grupos de elite” (2008, p.17).

Marcondes Filhos (2002) ressalta ainda que a mídia reconstrói o mundo diariamente a partir das ideias de quem controla e patrocina os meios de comunicação, o que obviamente contribui para o crescimento dos estereótipos. Importa salientar que seguindo essa linha de raciocínio, essa produção reducionista que a mídia transmite e que é absorvida pela população em massa busca caracterizar e generalizar atributos em detrimentos do “Outro”. Mostrando dessa forma, a visão de um grupo para com o outro.

Van Dijk (2008) nos aponta que apesar do discurso racista ser complexo, ao mesmo tempo em que sutil, seus princípios são bastante parecidos com o de qualquer discurso ideológico. O discurso racista das mídias é então, apresentado por fatores da seguinte ordem:

- enfatizam os aspectos positivos do Nós, do grupo de dentro;
- enfatizam os aspectos negativos do Eles, do grupo de fora;
- não enfatizam os aspectos positivos do Eles;
- não enfatizam os aspectos negativos do Nós.
- a ênfase dos pontos negativos sobre Eles em manchetes e nas primeiras páginas dos jornais;
- a repetição dos pontos negativos nas histórias cotidianas;
- a expressão de estereótipos na descrição dos membros do grupo étnico;
- a seleção de palavras (nosso povo é sempre “lutador da liberdade”, ao passo que os deles são “terroristas traiçoeiros”);
- a escolha de pronomes e demonstrativos distanciadores (“aquelas pessoas”);
- ênfase hiperbólica nas propriedades negativas Deles: ladrões, etc.;
- eufemismos para o Nosso racismo: “descontentamento popular”;
- falácias argumentativas na demonstração da propriedades ruins Deles.

Face ao exposto, percebe-se o quanto os discursos apresentados hoje em dia sobre os Outros, estão cada vez mais sutis, mesmo que indiretamente realcem sua associação com crimes, violências entre outras coisas. Assim posto, o que fica evidente é o fato de que os pontos negativos sobre os “Outros” – o que não pertencente ao grupo que detêm o poder ou seja; do grupo dominado – são comparados com os pontos positivos sobre “Nós” – os que detêm o poder, a elite simbólica –, enquanto os pontos positivos dos Outros e os negativos de Nós são ignorados.

Van Dijk afirma que se essa representação negativa do Outro, ou seja, dos grupos dominados, for consistente com os interesses dos grupos dominantes, “a representação negativa de acontecimentos étnicos e de pessoas pode facilmente influenciar as mentes dos receptores” (2008, p.19). O autor segue dizendo que esses receptores acabarão criando modelos mentais tendenciosos desses acontecimentos que eles ouvem ou leem. Portanto, os discursos e ações sociais são baseados em modelos mentais, “que são informados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas”. (2008, p.20). O que só comprova como o discurso está engajado na produção e reprodução do racismo, bem como na formação de ideologias racistas.

Os fatores apresentados, dizem respeito, também, a desqualificação da diferença, considerada por Sodré (1999) como ponto de partida para qualquer tipo de discriminação. Isso faz com que qualquer traço diferente – como é o caso dos traços apresentados por povos de etnia indígena e negra, no Brasil – daquele apresentado pelo da etnia dominante – neste caso, etnia branca – seja estigmatizado e conseqüentemente tido como inferior.

Em relação ao negro, a mídia e a indústria cultural constroem “identidades virtuais”¹⁹, baseadas pela negação e rejeição, bem como pelo senso comum que é alimentado pela tradição ocidental. (SODRÉ, 1999)

Stuart Hall (2006) trata da importância do “Outro” na construção da noção de identidade cultural tendo como foco o fato de que essa relação entre as diferenças cria e recria significados uma vez que:

[...] a própria noção de identidade cultural idêntica a si mesma, autoproduzida e autônoma, tal como de uma economia autossuficiente ou de uma comunidade política absolutamente soberana, teve que ser discursivamente construída no “Outro” ou através dele, por um sistema de similaridades e diferenças, pelo jogo da diferença e pela tendência que esses significados fixos possuem de oscilar e deslizar. (HALL, 2006, p.109)

Peter McLaren (1999 *apud* ABIB 2004, p.36) afirma que:

‘Identidades de fronteira’²⁰requer o que Ramon Saldivar chama de “dialética da diferença”, que se refere à formação de subjetividades de resistência, ou seja, subjetividades que são capazes de resistir às tendências absolutizantes de um mundo burguês, patriarcal, classista e racista que se funda na noção de identidade fixa e positiva e em papéis especializados de gênero, baseados nessas fixações positivas.

Pedro Abib afirma que “engajar-se ao projeto de criação de identidades de fronteira é, segundo McLaren, um meio de desconstrução e de tomada de controle de narrativas do *eu* em contato com o *outro*” (2004, p. 37). Pedro Abib prossegue dizendo que “construir identidades de fronteiras é recusar a adoção de uma única perspectiva relacionada à dominação cultural, é subverter a racionalidade que institui o discurso monocultural” (2004, p.37).

E foi exatamente isso que passou a acontecer com o surgimento dos blogs, uma vez que as mídias tradicionais (jornais, revistas, emissoras de rádio e TV) deixaram de ser a única ferramenta de criação e veiculação de saberes. Não há nada mais comum hoje em dia do que seguir blogs com temas dos quais nos interessamos ou que gostaríamos de nos aprofundar. O alcance dos blogs é sem dúvida o que os permite ser uma alternativa as mídias tradicionais, seja em relação à forma que as opiniões e os discursos sobre determinados temas são apresentados, seja em relação aos conteúdos, muitas vezes completamente diferente daqueles apresentados pelas mídias tradicionais.

¹⁹ Sodré (1999, p. 245) utiliza o termo “identidade virtual”, em acordo com Goffman. Que distingue *identidade social virtual* (aquela que se atribui ao outro) de *identidade social real* (aquela conferida pelos traços de fato existentes).

²⁰ Segundo Peter McLaren (2009) *apud* Pedro Abib (2004, p. 36) “Identidades de fronteira” são narrativas e contra narrativas que escolhemos para atuarmos cotidianamente e estas identidades “... estão ancoradas e são também o resultado daquelas práticas sociais que configuram a experiência e dão forma aos investimentos afetivos em tal experiência.” (p. 193)

Segundo Dordor “O indivíduo não se sente mais dominado pela mídia de massa, ele percebe que tem à sua disposição instrumentos que lhe permitem tomar a palavra e se fazer ouvir, se comunicar com quem quiser, quando quiser, onde quiser” (2007, p.111). É nesse sentido de desconstruir as narrativas do “outro” para com o “eu” que as blogueiras negras posicionam-se não só perante as mídias - sejam elas tradicionais ou não – e suas ideologias de dominação, mas também perante a sociedade. Uma vez que elas encontraram na blogosfera uma ferramenta de auto representação do “eu”, ou mais que isto; encontram um mecanismo capaz de articular e de criar uma rede de posicionamentos ideológicos a fim enfrentar não só a discriminação, o sexismo e o racismo estrutural existente na sociedade brasileira, mas encontraram, sobretudo, uma forma de afirmação de identidade. Identidade essa, que diferentemente da identidade produzida pelo “Outro” – o detentor do poder – busca valorizar e resgatar valores relacionados à sua cultura afro-brasileira.

Dito isso, no capítulo a seguir, procurarei apontar como essas narrativas serão desconstruídas e ressignificadas, para isso irei focar no que as blogueiras negras dizem, o que é veiculado na blogosfera através de suas publicações e como elas utilizam esse meio como estratégia de empoderamento e afirmação de identidade.

Capítulo 3: Nós por Nós! Vozes de mulheres negras na internet na luta antirracista

Nos últimos anos, cresceu a quantidade de sites e blogs na internet o que fez com que os diversos grupos de mulheres negras espalhados pelo Brasil passassem a utilizar este espaço para atuar virtualmente – uma vez que as lutas cotidianas não são suficientes para fazer as vozes destas mulheres negras chegarem em todos os lugares como deveria – fazendo convocações para eventos relacionados à cultura afro-brasileira, preservando a memória e luta de seus ancestrais, bem como suas próprias lutas e conquistas.

Assim posto, os blogs escritos por mulheres negras e para mulheres negras – é importante destacar isto – desempenham um importante papel na luta antirracista, uma vez que sua história cultural, política, religiosa etc. é ressignificada. Fazendo com que a mulher negra, invisibilizada pelas mídias tradicionais, seja lembrada e ocupe um lugar de destaque, bem como seja considerada como sujeito político e, como tal, participativo na história da sociedade brasileira. O que faz com que sua história seja reconstruída no imaginário social.

Nos itens a seguir, apresento como cheguei até os blogs aqui apresentados, quais blogs são esses e analiso como esses blogs contribuem para descentrar as narrativas eurocêntricas ainda presentes na sociedade brasileira.

3.1. Quando descobri que não estava sozinha...

Assim como tantas outras mulheres negras, eu não me sentia e ainda não me sinto representada pelas mídias em geral – jornais, revistas, programas de TV como novelas, séries, cinema, literatura, por exemplo –. Foi dessa forma, através de um descontentamento que é meu – Mona Lisa – mas que também é de muitas Marias, Jéssicas, Biancas, Alines, Cintias, Karinas, Anas, Paulas, Thaíssas etc que, eu, ao pesquisar sobre os termos “mulheres” e “negras” na internet, cheguei até o blog *Blogueiras Negras*. A partir desse blog, pude conhecer tantos outros blogs de mulheres negras.

Não lembro ao certo qual foi a primeira postagem que li, mas o sentimento de que eu não estava mais sozinha – em uma sociedade que se vangloria por ser mestiça e mesmo assim excluir e invisibilizar quem não faz parte do padrão eurocêntrico – despertou em mim uma vontade de tornar a luta dessas mulheres negras na rede que tanto me inspiraram e inspiram algo teórico, acadêmico, pois não acho justo que as marcas de seus empoderamentos, que também é meu, fiquem apenas dentro de mim.

Utilizarei como recurso metodológico a análise de discurso, por se apresentar, segundo Caregnato e Mutti (2006), como um entrecruzamento de diversos campos disciplinares que abarca a linguagem, a história e a ideologia. Nesse sentido, a análise de discurso como análise da fala em contexto ajuda a entender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto, uma vez que a análise de discurso consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção sociais, históricas e ideológicas. Indo além do texto e encontrando as condições que levou o texto a ser produzido, pois só assim podemos, de fato, ter acesso ao seu sentido.

3.2. Afinal, quem são essas mulheres?

Somos as netas da lavadeira, a filha da doméstica e a menina que aprende muito cedo a se virar sozinha, não contar com o pai ou seguir sem companheiros. Somos as mulheres que descendem de uma luta ancestral por liberdade, travada na África, senzalas, casarões, matas e quilombos. Somos quem aumenta a presença preta nas universidades, acima dos homens negros, mas ainda cerra os pulsos por espaços para o estudo e reflexão social e racial nesses ambientes. Somos a maioria e poucas de NÓS experimentam um cotidiano que seja físico e psicologicamente saudável. É preciso ainda reconhecer e combater a existência da exclusão social, do racismo e, a partir disso, criar políticas públicas para diminuir as estatísticas. E quanto mais luzes acendem para a descoberta da identidade preta – um processo complexo, mas com fluidez – mais forte a luta fica. (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA²¹)

Desmistificando a ideia comumente difundida pela mídia e sociedade em geral – onde os negros exercem com frequência papéis de subalternação e subserviência –, as blogueiras das quais irei falar neste trabalho estão inseridas em todos os espaços sociais. E são, antes de tudo, mulheres negras e penso que seja sim necessário afirmar isso, em uma sociedade como a brasileira, onde o negro é pardo, mulato, moreno, mestiço, cor de jambo, mas jamais negro.

Esse tipo de posicionamento – ou senso comum – está intimamente ligado a ideia difundida por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* (1933) acerca da miscigenação brasileira, segundo o qual vivemos de forma harmoniosa, criando então o mito da democracia racial brasileira, que ajuda a perpetuar a ideia de que no Brasil não existem fissuras nem racial nem de classes.

Importa salientar que, para Freyre, na miscigenação o ser mestiço deixa de ser um problema e passa a ser algo positivo, afinal o mestiço fazia parte do ideal do enbranqueamento.

Dito isto, as mulheres aqui citadas através de seus blogs são antes de tudo, como costumam afirmar: mulheres negras, pensadoras, intelectuais, pesquisadoras, professoras, estudantes, ativistas do movimento feminista e ou movimento negro, jornalistas, arquitetas, dentre tantas outras coisas, preocupadas em aumentar a visibilidade não só das produções de mulheres negras, mas preocupadas também em discutir sobre os temas relacionados ao racismo, a negritude e a cultura afro-brasileira de forma geral, bem como preocupadas em discutir sobre sexismo, gordofobia, lesbianismo e todo tipo de preconceito que recai sobre as mulheres, sobretudo negras, em seus diferentes espaços e contextos.

²¹ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: < <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/quanto-somos-pretas/> >. Acessado em 07 abr. de 2016.

Face ao explicitado, foi analisado os discursos de 07 blogs administrados por uma ou por um coletivo de mulheres negras com temáticas diferentes, mas todas relacionadas ao que é ser mulher e negra em diversos contextos na sociedade brasileira.

Os blogs analisados foram os seguintes:

1. Blogueiras Negras ²²– Segundo a equipe facilitadora, o blog é uma comunidade de mulheres negras e afrodescendentes com histórias de vida e interesses distintos, unidas e comprometidas em torno das mesmas questões: a produção de conteúdos acerca da negritude e do feminismo. Importa salientar que qualquer mulher negra que participe ou não da sua comunidade de discussão e queira contribuir com a produção/publicação de conteúdo do blog pode participar;
2. Blog da Noiva Negra – É o primeiro blog do Brasil a ter como público alvo as mulheres negras. Tem como lema: “Negras no altar. Porque também casamos! ”;
3. Central das Divas – Atua na divulgação e incentivo a uma proposta de estética não eurocêntrica. No blog, é possível encontrar textos, entrevistas e vídeos que contribuem, direta ou indiretamente, no fortalecimento e na valorização da estética negra;
4. Gorda e Sapatão – A blogueiras Jéssica Ipólito escreve sobre racismo, lesbianidade, feminismo, gordofobia e padrões de beleza. O Blog surgiu como um lugar para compartilhar suas inquietações. O Blog é repleto de imagens pois Jéssica pontua que o blog é um canal que deve transbordar representatividade – ao contrário do que se vê nas mídias tradicionais –, pois ela acredita que essas fotos, desenhos, artes de forma geral que são publicadas em seu blog, dialogam no sentido de empoderamento do corpo gordo, do coro negro, além de visibilizar também o universo lésbico;
5. Menina Black Power – Coletivo de mulheres pretas, como elas gostam de afirmar, formadas em diversas áreas e que buscam incentivar a consciência do valor do cabelo crespo natural bem como outras características naturais das mulheres negras, sobretudo do valor que cada mulher preta com quem elas se comunicam deve possuir;
6. Nós, Mulheres da Periferia – É formato por oito jornalistas e uma designer. O coletivo tem como objetivo principal dar visibilidade aos direitos não atendidos das mulheres, problematizar acerca dos preconceitos e estereótipos por limitadores que se cruzam com as questões de classe e raça e dar espaço para suas histórias.

²² A partir daqui, sempre que me referir ao blog Blogueiras Negras, utilizarei suas iniciais em maiúsculo para diferenciar do termo utilizado para falar de todos os blogs em geral.

7. Preta e Gorda – Aborda questões ligadas principalmente ao racismo e a gordofobia. Contrapondo-se dessa forma ao padrão europeu de “beleza”;

O item a seguir, se refere a análise dos discursos veiculados nos blogs de mulheres negras que utilizam a blogosfera como estratégia de resistência, ressignificação e empoderamento da mulher negra, uma vez que busca reconstruir, a partir de seus discursos nos blogs, a imagem da mulher negra comumente relacionada à invisibilidade, a subalternidade e ao fracasso, por exemplo, presentes no imaginário social brasileiro.

3.3. “Desliga a TV e vem para rede”: estratégia de luta, resistência, ressignificação e empoderamento da mulher negra

As blogueiras negras fazem da escrita, de suas publicações, uma ferramenta de combate ao sexismo, racismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e gordofobia. Além de tudo isso, essas blogueiras construíram na blogosfera um espaço de troca de vivências e experiências, bem como um espaço de visibilidade, representação, ressignificação, resistência e empoderamento.

Antes de prosseguir, torna-se necessário falar, embora de forma resumida sobre o termo empoderamento. Nesse sentido, é preciso situar que os alicerces dos debates em torno do termo empoderamento, segundo Horochovski e Meirelles (2007), estão localizadas nos anos 1960, quando a sociedade civil passou a se fortalecer e se consolidar enquanto ator coletivo.

A democracia, então, desempenha um papel fundamental nesse processo pois foi através dela que aconteceram ações que constituíram, nesse período, os novos movimentos sociais. Estes movimentos desarticularam a centralidade da luta de classes e inseriram categorias como ator social e sujeito coletivo, além de temas relacionados aos direitos sociais, temas ambientais, questões de gênero e identidade dentre outros. E foi exatamente esse processo de democratização que levou os debates para o surgimento do termo empoderamento.

As primeiras referências relacionadas ao termo foram localizadas nos Estados Unidos, no início dos anos 1970 e era utilizado na sua grande maioria por feministas e negros e a palavra passou a fazer parte dos discursos relacionados ao desenvolvimento alternativo, pois significava a participação ativa das pessoas nas lutas pela busca de controle sobre recursos e instituições. O termo refere-se, então, à capacidade das pessoas e grupos decidirem sobre as questões que lhes dizem respeito – seja na esfera política, econômica, cultural, psicológica, entre outras questões –. Assim posto, trata-se de um processo pelo qual se conquista poder e liberdade para decidir e controlar sua própria vida.

E é exatamente neste sentido, de conquistar poder e liberdade a fim de decidir sobre todos os aspectos relacionados às suas vidas, que as blogueiras negras seguem se opondo contra as mídias tradicionais, pois se as mídias tradicionais não falam sobre as relações de desigualdades – sejam elas de cunho social, racial ou de gênero –, as blogueiras negras fazem questão de pontuar essas diferenças. Se nas mídias tradicionais o negro é sub representado, na blogosfera, ele tem papel de destaque, é protagonista! Se nas mídias tradicionais a cultura negra não é valorizada, como pode ser evidenciado através da postagem do blog Blogueiras Negras:

[...] é a invisibilidade que naturaliza o racismo em suas diversas modalidades. Não estamos nas capas de revista, nas bancadas dos jornais, nos laboratórios, nos cargos políticos. E apesar de algumas conquistas, ainda somos sub-representadas e estereotipadas nos discursos de beleza e moda. Prevalece o desinteresse em mostrar nossos rostos, nossos corpos, as questões que nos afetam, as tradições e manifestações culturais que nos representam. (BLOUEIRAS NEGRAS)²³

Na blogosfera, as blogueiras negras fazem questão de apresentar, refletir, exhibir, valorizar e resgatar diversos aspectos dessa cultura.

Van Dijk (2008), Sueli Carneiro (2003a) e Sodré (1999) nos apontam para o fato de que somente quando os grupos “minoritários”, ou seja, somente quando os grupos dominados forem capazes de se opor às ideologias dominantes é que a mudança acontecerá. O fragmento de postagem a seguir, evidencia que as blogueiras negras já tomaram consciência disso.

Nenhuma de nós abaixará mais a cabeça, não nos renderemos aos processos de embranquecimento e vamos empoderar sim umas às outras, custe o que custar. Vamos enegrecer as redes sociais e mostrar que a revolução será negra, ou não será. Se cada uma de nós empoderar apenas uma outra mulher negra, já estaremos fazendo muito mais do que fizeram por nós até hoje. (BLOGUEIRAS NEGRAS)²⁴

Nesse sentido, é importante lembrar que se a mídia constrói e reconstrói o mundo a partir de suas ideias e de quem as controla, os discursos apresentados pelas blogueiras negras na rede contribuem para o processo de descentralização das narrativas eurocêtricas dominantes. Faz-se necessário, ainda, ressaltar que se os discursos e ações sociais são baseados em modelos mentais compartilhados socialmente, as blogueiras negras tentam, através dos discursos veiculados em suas postagens, romper com esses modelos e padrões. Isso pode ser evidenciado na seguinte colocação:

Entendemos que a estética é perpassada por relações sociais, por interesses políticos que são construídos historicamente. O padrão do que é belo e aceito

²³ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: < <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

²⁴ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/10/02/wiki-o-que-nenhum-passo-atras-nao-vamos-retroceder/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

é construído e muda com o tempo, e tem relação com os mais diversos interesses, especialmente os econômicos. Por isso, valorizar elementos estéticos não hegemônicos não é algo fácil. Demos pequenos passos, mas acreditamos que nossa contribuição pode ser maior. (CENTRAL DAS DIVAS)²⁵

O blog Preta e Gorda, também é um dos blogs que se contrapõe aos padrões europeus que são impostos e naturalizados na sociedade. Além de também apresentar aos seus leitores como o negro é apresentado nas mídias nacionais e internacionais.

A citação a seguir, nos aponta para o fato de que o corpo é também político, pois guardam memórias que muitos gostariam de esquecer e que até tentam, cotidianamente, invisibilizar, mas que não o fazem, porque hoje carregam em si, também a força para lutar e resistir.

Acreditamos que o nosso corpo é território político e que através dele podemos contar as nossas histórias, de onde viemos e para onde queremos ir e fazer dele um campo de batalha, onde pressões, intolerâncias simbólicas ou físicas não serão mais aceitas. Partimos do corpo da mulher negra, de seus diferentes tons, suas diferentes texturas, diferentes formas e curvas. Seguimos com a vontade de ressignificar o corpo da mulher que é negra, e que é também gorda e resolve em um determinado momento da história se aceitar e se amar assim: negra e gorda. Avançamos nesse campo de batalha onde esse corpo é quase sempre exposto, mal visto e tudo como indesejado, como se fosse um erro ser negra e gorda numa sociedade limitada, onde o certo seria ser branca e magra, porém não somos mais moças “certas”, não mais! Derrubamos antigos estereótipos quando essas mulheres resolvem dar forças para outras mulheres semelhantes, mas que ainda não conseguem enxergar a beleza que seus corpos, tidos como imperfeitos, carregam. Corpos negros, que carregam força vital, força ancestral, que cruzou os mares e resistiu por séculos de opressão e ainda resiste... (GORDA E SAPATÃO)²⁶

A citação a seguir também se refere ao corpo preto enquanto um elemento político, pois pelo simples fato de ser e estar em um lugar que não é desejado ou pelo simples fato de se tornar visto, é capaz de levantar questionamentos acerca da não visibilidade e da não representatividade do que é ser negra e negro na sociedade brasileira.

O corpo preto incomoda. Por isso somos tolhidas, apontadas e muitas vezes envergonhadas quando temos que nos fazer presentes. A corporalidade se dá na vivência com o outro, se dá no conhecimento do lugar histórico que esse corpo está. Visibilidade e representatividade são problematizações que permeiam e conduzem o meu lugar de fala, pois quanto mais eu me vejo, quanto mais eu me sinto representada, menos o meu corpo ocupa um lugar estranho pra mim. (MENINAS BLACK POWER)

²⁵ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <http://acentraldasdivas.blogspot.com.br/p/divas-e-divos-e-com-muita-alegria-que_14.html>. Acessado em 07 abr. de 2016.

²⁶ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://gordaesapatao.com.br/um-corpo-negro-feminino-e-gordo-no-mundo/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

Nessa perspectiva, as blogueiras negras seguem buscando uma forma de se fazer falar quem durante anos teve que ver sua história – ou a história de seus antepassados – ser representada pelo olhar do outro. E ainda é como, por exemplo, aconteceu atualmente na série brasileira apresentada em 2015 pela Rede Globo “O Sexo e as Negas”. Série esta produzida por um autor branco, onde uma mulher branca encarna o papel de “sabedoria” de mulheres negras. O que fez com que as Blogueiras Negras, aqui apresentadas, criassem um projeto chamado “As Nega Real”, onde toda semana mulheres negras debatiam sobre o racismo presente na série, bem como sobre onde estavam e estão as mulheres negras na sociedade brasileira.

A autora do Blog Preta e Gorda, por não se sentir representada na referida série, demonstrou um posicionamento que vai contra à série que foi exibida na Rede Globo. Foi questionado também, que tipo de mídia é essa, que além de impor vontades, não dialoga com o grupo étnico-racial apresentado pelas protagonistas da série.

Temos uma mídia que só denuncia racismo quando é conveniente. A Rede Globo com seus programas, novelas coloca o preto como vilão, como subalterno, expõe os corpos das mulheres pretas afim de vender essa imagem pro estrangeiro... Que no Carnaval invade o país em busca de turismo sexual. Esse “Sexo e as Negas” do Miguel Falabella é o exemplo disso. [...] Que mídia é essa que faz o que bem entende? Que mídia é essa que impõe suas vontades sobre as nossas, como se não existíssemos. Omo pode a gente aqui de fora se esgoelar, berrar que não estamos sendo representad@s desta forma e sermos tratados como ignorantes? A quem foi dado o direito do branco determinar o que é bom e o que não é para a comunidade preta? [...] Eu não sou o que a TV mostra. Eu não sou o que a sociedade quer. Eu sou mulher preta, com voz e cérebro. Sou descendente de Zumbi e Dandara. Não me curvo diante as determinações sociais, pois estas não observam as minhas necessidades. Eu determino o que eu quero e o que eu vou fazer. Determino que caminho eu trilho. (PRETA E GORDA)²⁷

Em outra postagem, uma das colaborados do Coletivo Meninas Black Power publicou no blog Preta e Gorda sobre o papel que vem sendo desempenhado pela Televisão brasileira, que continua por desqualificar e objetificar a mulher negra.

Mais uma vez veremos a televisão desempenhando sua função perversa e adjeta de desqualificar e desprestigiar as manifestações próprias da nossa negritude. Mais uma vez veremos protagonistas pretas sem protagonismo... (MENINAS BACK POWER)²⁸

Ainda em relação a representatividade negra, o blog Blogueiras Negras através do discurso veiculado em uma de suas publicações questiona sobre o papel da mulher na história, já que quase não há quase nenhuma representação acerca das contribuições das mulheres na

²⁷ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://pretaegorda.blogspot.com.br/2014/10/questione-se-revolte-se.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

²⁸ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2014/09/sexo-e-as-nega-conexao-perversa-entre-o.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

construção da sociedade. Questiona também sobre onde estão as mulheres negras que não aparecem na história oficial da sociedade brasileira nem mesmo quando há o reconhecimento da contribuição de mulheres na sociedade.

E eu, negra, não sou uma mulher? Há muitos anos eu já me posicionava como negra, mas isso era um fator menor.... Afinal, eu não sabia direito o que era o racismo e as consequências dele na minha vida. Mas quando passei a estudar mais sobre o assunto, temas como a representatividade começaram a fazer parte da minha rotina. Inconscientemente meus olhos passaram a buscar pessoas negras em todos os espaços. Foi quando comecei a não me ver naquilo que estudei como sendo História. A história que aprendi ao longo da vida é uma história contada sob o ponto de vista eurocêntrico.... Ainda é muito voltada para os feitos dos homens. Aos poucos as mulheres foram ganhando alguns capítulos e linhas. Isso suscita o que Chimamanda Adichie fala de o risco de uma história única: quem contou a nossa história só enfocou os pontos que julgou ser interessante, dentro de sua perspectiva de [vida] e vivências. Mas e as pessoas negras? Zumbi foi a única referência que tive. Super pontual, algumas linhas no livro. E as mulheres negras? E nós? E eu? A minha inquietação não é para desmerecer as conquistas dessas mulheres [brancas], mas sim tentar me enxergar nos fatos, nas imagens. Por que a história é branca? As pessoas negras não participaram, foram apagadas, tiveram suas participações minimizadas? Quando os poucos fatos históricos que conhecemos dizem respeito à mulher, eles se referem à mulher branca. E fica o questionamento de Sourjournal Truth... E eu não sou uma mulher? (BLOGUEIRAS NEGRAS)²⁹

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1998), enfatiza que se os currículos escolares levassem professores e alunos a se depararem com as circunstâncias das vidas de mulheres negras, seria mais fácil conhecê-las, bem como conhecer suas formas de organização. Buscando entender como esses grupos – neste caso, essas mulheres – seguem (re) criando estratégia de lutas e combate ao racismo. Como pode ser percebido na citação a seguir:

Então estarão sendo conhecidas e lembradas desde a liderança de Luiza de Nahim na revolta dos malês; a de Felipa, chefiando quilombo na Amazônia; a de Tia Ciata, no Rio de Janeiro, proporcionando apoio a artistas, como mãe-de-santo e descendente de africanos, o que resultou na criação do samba; e de outras tantas mães-de-santo, como mãe Menininha do Gantois, que corajosamente enfrentaram investidas no sentido de extermínio das religiões de raiz africana. Será destacado o papel da quituteira nas lutas absolutistas; e de todas as mulheres negras, no pós-abolição, para a manutenção física e psicológica da população negra; o das mulheres de hoje, nos grupos e associações de interesse mútuo e de classe, nas organizações populares, em grupos do Movimento Negro e de organizações de mulheres, inclusive de mulheres negras. (1998, p.12)

Nessa perspectiva de mulher negra sendo invisibilizada historicamente, uma das colaboradoras do Coletivo de Meninas Black Power relembra que nunca se viu representada na

²⁹ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/03/07/e-eu-nao-sou-uma-mulher/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

televisão, embora hoje já seja capaz de enxergar mulheres negras nas quais ela pode se espelhar, o que a faz ter forças para continuar na luta antirracista.

Lembrava-me que desde criança nunca me via na televisão de forma que pudesse ter orgulho daquilo que eu realmente sou, mas hoje tenho grandes exemplos de mulheres negras que me orgulham e são verdadeiros espelhos. Ao pensar nelas, minhas forças se renovam para seguir em frente. **A luta pela desconstrução do racismo dentro do ambiente escolar não é fácil** [grifo da autora] e muitas vezes acaba sendo árdua, nos fazendo pensar em desistir, mas quando lembramos que no passado muitos negros e negras lutaram e não cessaram temos mais um motivo para não desistir. O ano passou, a dor permaneceu e está cicatrizando, mas e a luta? Esta deve continuar. (MENINA BLACK POWER)³⁰

Assim posto, as blogueiras negras seguem ainda buscando se fazer falar, quem durante anos foi e ainda é marginalizado e vive em extrema pobreza ou em condições precárias. Assim posto, elas seguem também, através do que é veiculado em seus blogs, evidenciando o lugar de suas falas e as problemáticas – ainda recorrentes do racismo à brasileira – que ainda recai sobre a população negra no Brasil.

O mapa da violência 2015 conta que a quantidade de mortes entre nós cresceu absurdos; nossos parceiros, pais, irmãos etc. Também morrem mais e morremos juntos, indiretamente, mesmo que nosso crescimento acadêmico e profissional seja inegável, continuamos mal remunerados e rejeitados nos ambientes de trabalho; cotidianamente estamos expostos aos atos racistas/machistas/sexistas; sentimos e falamos de uma solidão afetiva real. (MENINAS BLACK POWER)³¹

No que se refere a essa problemática, as Blogueiras Negras evidenciam em seus discursos, o fato de que ser negro no Brasil é ocupar um lugar de marginalidade e por isso mesmo, é difícil se reconhecer como tal. Assim sendo, assumir-se negro é um ato político.

Muitos esquecem ou fingem esquecer que ser negro (a) no Brasil é ocupar uma situação imposta de marginalidade, independentemente de sua posição social, é ser encarado como suspeito número um, é ser visto como subalterno, ser confundido com o bandido, com o prestador de serviços, nunca ser encarado como o intelectual, como um agente cultural, como igual. Agora se uma pessoa negra acha que não é negra porque acredita que nunca sofreu preconceito ou porque nunca o percebeu, está aí uma evidência de que o mito da democracia racial cumpriu muito bem o seu papel. Assumir-se negro (a) hoje em dia é um ato considerado opcional por muitos, mas ser negro (a) não é. Basta analisar bem a sociedade, notar quem está nos espaços de poder, quem

³⁰ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2015/05/o-ano-passou-dor-permaneceu-mas-luta.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

³¹ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2015/12/mulheres-negras-e-dor-reflexoes-sobre.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

está no topo da cadeia social e quem está na base, e a escalada que os negros (as) precisam fazer para provar que são dignos de estar nesses espaços. Assumir-se negro (a) é um ato político, é ir contra o embranquecimento racial e cultural que tentam nos impor nos confundindo com eufemismos para negar a nossa verdadeira origem, é ir contra a apropriação e esvaziamento de nossas culturas, é respeitar nossa ancestralidade, continuar a luta que muito (a)s empreenderam antes de nós e nos empoderar como sujeitos de nossa história, sendo protagonistas dessas histórias, de nossas memórias, sendo devidamente representados na sociedade e não mais silenciados, ocupando os espaços que nos são historicamente negados. (BLOGUEIRAS NEGRAS)³²

Uma forma de se fazer falar, quem foi e ainda é desrespeitado por sua cor, por suas crenças religiosas ditas satânicas, por seu cabelo ou traços físicos considerados “feios”, como pode ser percebido na citação a seguir:

Muitas imagens depreciativas ligadas ao cabelo crespo nos perseguem e se livrar delas é um desafio que não é individual, mas coletivo porque se apoia no combate aos estereótipos que foram construídos sobre o povo negro e, conseqüentemente, se apoia na luta contra [o] racismo. (CENTRAL DAS DIVAS)³³

Em relação a questão da estética do cabelo e obviamente do preconceito e da dificuldade de assumir sua identidade, o coletivo das Meninas Black Power, afirma que o cabelo vai além da questão estética, pois torna-se também uma questão política.

[...] Assumir-se crespa começa na estética, mas precisa ser algo além. As piadinhas dos amigos mais próximos começam a perder a graça. A invisibilidade midiática fica mais gritante. O fato de você não ver pessoas como você nos lugares de poder incomoda cada dia mais. Ver corpos pretos sendo mortos e arrastados fica latente, deixa de ser apenas número e passar (sic) a ser sentido na própria pele. Aí começa a verdadeira revolução. A estética vira política e eu só encontrei sustentação quando percebi que a mudança que começa em mim só fazia sentido se reverberasse nos meus. O coletivo não tem esse nome à toa. Ele só existe porque não é feito de “eu”, mas sim de “nós”. Estética é política sim. Ou pelo menos pode ser o começo. (MENINAS BLACK POWER)³⁴

O coletivo Meninas Black Power afirma ainda que quando as pessoas passam a assumir seus cabelos crespos, elas criam representatividades para que outras pessoas se sintam motivadas, empoderadas e passem a também assumirem seus cabelos como são.

Crespos que guardam memórias e vão por aí a encrespar também os que insistem em alisar o mundo. Tenho andado pelas ruas e sentido gratidão por cada homem, cada mulher preta que, com seu cabelo, me oferece também a sua história, sua resistência. E compartilha comigo uma dor que de tão cotidiana parece, por vezes, nosso lugar comum. Me oferecem com seus

³² A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/01/26/construcao-e-aceitacao-da-identidade-negra/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

³³ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://acentraldasdivas.blogspot.com.br/2015/09/10-motivos-para-libertar-seu-crespo-do.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

³⁴ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2015/08/falandodetransicao-com-karina-vieira.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

crespos, a chance de saber-me bonita. Bonita, sim! E me oferecem, acima de tudo, as possibilidades de me identificar, de poder pensar: “talvez meu cabelo ficasse bem com esse corte”, “talvez meu cabelo fique bem com essa cor”. (MENINAS BLACK POWER)³⁵

Ainda em relação ao cabelo, o Blog Central das Divas enfatiza o uso dos cabelos naturais enquanto um posicionamento político capaz de resgatar e valorizar a identidade destas mulheres, que durante anos, por não se sentirem aceitas na sociedade sem que seus cabelos fossem alisados. Enfatizam também que o uso dos cabelos naturais é uma estratégia de combate ao racismo.

Em oposição ao uso de produtos químicos que mudam a estrutura natural dos cabelos e os alisam, as mulheres começaram a usar seus cabelos naturais como um posicionamento político que envolve entre outras coisas, o combate ao racismo. No Brasil, um país que tem o racismo tão enraizado na nossa cultura, o movimento pelo uso do cabelo natural tem se fortalecido e mudado a rotina de mulheres que há gerações são reféns de tratamentos químicos no cabelo e que hoje exibem sua cabeleira natural. Este processo acaba também resgatando a relação destas mulheres consigo mesmas, nos libertando de muitos traumas e nos levando a diversos outros questionamentos à forma como a estética eurocêntrica contribui para manutenção de uma estrutura racista no nosso país. (CENTRAL DAS DIVAS)³⁶

Ainda sobre características negras, O Blog da Noiva Negra que surgiu como resposta ao preconceito velado em torno da mulher negra, nos remete a ideia da “mulata gostosa”, símbolo sexual descompromissado que é apresentado e vendido mundo a fora nos livros, novelas e séries brasileiras. O discurso existente no blog bem como os diversos relatos e ensaios fotográficos de casamentos, contribuem para que as mulheres negras se sintam representadas e encontrem com mais facilidades produtos voltados para as especificidades das mulheres negras.

Outra problemática abordada, pelas blogueiras negras na internet, se refere a mulher negra lésbica, como pode ser evidenciado na citação a seguir:

A heterossexualidade compulsória sempre nos enfiou goela abaixo um modelo afetivo de relacionamento, que é voltado para o homem, retirando toda e qualquer agência do desejo pelo mesmo gênero que possamos ter e, por termos esse histórico latente racista e misógino, nos colocou ao longo de séculos – enquanto mulheres negras – como meras reprodutoras de pequenas crianças escravizadas, e também como um produto sexual a ser consumido pelo homem branco. Nunca houve uma brecha para nos voltarmos à nosso desejo, à ideia de que possamos talvez desejar outra mulher, e não um homem. Portanto, a lesbianidade negra chega marcando uma ruptura brutal com heterossexualidade compulsória racista, uma vez que rejeitamos os homens em todas as instâncias: do afetivo ao sexual, da reprodução obrigatória à servidão. Rejeitamos também a maternidade compulsória, que prega que toda

³⁵ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2015/02/sobre-crespo-luta-e-gratidao.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

³⁶ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://acentraldasdivas.blogspot.com.br/2015/09/7-divas-e-seus-cabelos-crespos-por-que.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

mulher só irá se realizar como mãe. Nós nos realizamos enquanto lésbicas, podendo ser mãe ou não. Inclusive há muitas mães por aí, quebrando de novo o mito de que as [sic] nós “nunca” poderíamos ser mães, ou “**onde já se viu você ser lésbica?! Você é mãe!**” [Grifo da autora] um VRAW atrás do outro nós damos, pelo fato de existirmos e sermos dissidentes da heteronormativa racista. (GORDA E SAPATÃO)³⁷

Nessa perspectiva de representatividade e empoderamento o Coletivo de Meninas Black Power pontua que apesar da mulher negra continuar sendo silenciada e minimizada, a luta continua.

Quando eu olho para as mulheres negras eu penso em como é difícil lidar com o racismo/machismo, principalmente quando você passa a ter consciência disso tudo. **Como pode ser solitário e angustiante se relacionar em todas as categorias com outras pessoas** [Grifo da autora]. Fico pensando o quanto somos fortes e guerreiras por desconstruir nós mesmas, todos os terceiros presentes em nossas vidas e ainda permanecermos de pé, lutando. Precisamos ter o amor interior bem naturalizado para entender que **a culpa não é nossa** [Grifo da autora]. A negritude, apesar de minimizada na nossa sociedade, é uma dádiva. [...] É preciso dizer ao mundo que somos silenciadas, somos minimizadas, mas que apesar de tudo isso continuamos lindas, maravilhosas e inteligentes; que eles não vão nos parar e que é só o começo do nosso empoderamento! [...] Terão que nos aceitar resistindo e criando nossos espaços. Nós por Nós. (MENINAS BLACK POWER)³⁸

Face ao explicitado, pode-se constatar as blogueiras aqui citadas, utilizam a blogosfera como uma forma de se fazer falar quem foi e ainda é excluído dos espaços de poder. A blogosfera para essas mulheres é então, um fenômeno social de empoderamento. Ou seja, é um espaço de conscientização, criação, socialização de mecanismos e práticas que possibilitem não só a elas, mas também às suas leitoras tornar-se conscientes e engajados na luta pela afirmação e valorização de sua identidade negra.

³⁷ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://gordaesapatao.com.br/a-flor-dos-meus-anos-meus-olhos-insanos-de-te-esperar-a-solidao-afetiva-da-mulher-negra-lesbica/>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

³⁸ A publicação pode ser visualizada na íntegra em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2015/11/a-culpa-nao-e-nossa.html>>. Acessado em 07 abr. de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a chegada das/dos africanas/os no território brasileiro – consequência da imigração forçada onde africanas e africanos chegaram ao Brasil para serem escravizados – mulheres e homens negros tem utilizados estratégias coletivas e individuais de resistência a fim de melhores condições de sobrevivência, bem como de terem voz ativa em contextos sociais onde o racismo, o sexismo e a exploração econômica predominam. Tais feitos podem ser observados se determos nossos olhares para os diversos movimentos negros e isto inclui também o movimento de feministas negras no Brasil.

Ao longo da história, as mulheres negras vêm construindo e reconstruindo estratégias de resistências e lutas reivindicatórias, onde se faz possível afirmar e reafirmar suas identidades. Para Carneiro (2003b), as mulheres negras através do feminismo negro foram capazes tanto de enegrecer o feminismo como de promover a feminização das pautas do movimento negro.

As movimentações políticas de mulheres e homens negros em torno da representação do negro na mídia brasileira, bem como nos debates acerca de políticas públicas antirracistas presentes nas pautas de reivindicações e lutas do movimento negro nas últimas décadas.

As blogueiras negras desempenham um importante papel na luta antirracista e antissexista. Por pertencerem à várias categorias, – Mulher, Negra e por vezes Pobre – exprimem um lugar subalterno fazendo dessas mulheres sujeitos políticos que a partir do espaço em que estão inseridas, assumem olhares capazes de desenvolver processos particulares na luta de cada grupo de acordo com suas especificidades, revertendo dessa forma a ausência da diversidade nas mídias tradicionais e atuando diretamente contra as diversas formas de discriminações.

Assim posto, há uma valorização das diferenças, pois utilizam de subjetividades de resistência para resistir às tendências absolutizantes de uma sociedade patriarcal, classista, machista, racista e sexista como a sociedade brasileira. E seguem cotidianamente lutando para desconstruir as narrativas do “Eu” em contato com o “Outro” por não aceitarem mais uma única perspectiva sociocultural.

Nesse sentido, é mister reconhecer o fato de que as blogueiras negras conseguem dar visibilidade aos anseios da população negra, denunciando, por um lado seu cotidiano opressivo e por outro rearticulando os fios de sua memória – tanto individual quanto coletiva –. A blogosfera é tratada então por estas blogueiras como um nexo de empoderamento fundamental

capaz de garantir uma representação positiva. Além de possibilitar o processo de mobilização e de lutas, uma vez que as blogueiras negras vem atuando na rede a fim de mudar e ressignificar a lógica das representações das mídias tradicionais ou de questionar os estereótipos e as distorções que são apresentadas.

Os discursos apresentados nas postagens dos blogs analisados evidenciam que negras e negros caminharam dos boletins e revistas impressas para as redes sociais. Se o empoderamento negro encontra ainda dificuldades para se articular como deveria ser, nas redes sociais as blogueiras negras estão “bombando”, valorizando suas identidades e conquistando cada vez mais visibilidade.

Hoje, as mulheres negras são protagonistas e estão firmes em seus posicionamentos, tanto no debate quanto no combate ao racismo. E elas prometem – prometemos – seguir ocupando todos os espaços – ainda que com dificuldades, ainda que se tenha que ir à luta todo dia – como já é feito –, ocupando também o lugar de pensamento. Seguiremos juntas, todas as mulheres negras para que assim sejamos capazes de (re) conhecer nossa ancestralidade, nossa identidade e para que cada uma possa se orgulhar de ser o que é: **NEGRA!**

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R.J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais aplicadas a Educação: Unicamp, 2004.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm.* 2006 Out-Dez; 15(4). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acessado em 30 jan. De 2016.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 49. 2003a. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008>. Acessado em 07 set. de 2015.
- _____. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2003b. Disponível em: <https://www.academia.edu/10903018/CARNEIRO_Sueli_-_Enegrecer_o_feminismo>. Acessado em 07 set. de 2015.
- _____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COSTA, Belarmino César Guimarães. **Estética da violência: Jornalismo e produção de sentidos**. Campinas: Unimep, 2002.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. Pesquisas educacionais em temas de interesses dos afrodescendentes. In: LIMA, I.C. (Org.) **Os negros e a escola brasileira**. n. 6, Florianópolis: NEN, 1999.
- DIJK, Teun A. Van. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DORDOR, Xavier. **Mídia/Mídia Alternativa**. São Paulo: Ampub Comercial Ltda, 2007.
- GOMES, N.L. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. v. 10, n. 18, 2011, p 133-154. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2175-7984.2011v10n18p133/17537>>. Acessado em 17 dez. de 2015.
- GUIMARÃES, A.S.A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo, 1999.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: II Seminário Nacional Movimento Social, Participação e Democracia, 2007, UFSC, Florianópolis. **Anais...** São Paulo, 2007. Disponível em:< http://www.sociologia.ufsc.br/npsms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acessado em 16 de abr. de 2016.
- JIMÉNEZ, Herman Daniel Afanador. Redefinindo as mercadorias na blogosfera: o caso do Master e a educação no blog de viagens de Vivir Al Máximo. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2014. Disponível

em:<http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/herman_daniel_afanador_jimenez_7_1.pdf>. Acessado em 08 set. de 2015.

LIMA, I.C. Pedagogia Interétnica em Salvador: Trajetória, História e Identidade Negra. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa; CUNHA JÚNIOR, Henrique. (Org.). **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.p .33-53

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **A Saga dos cães perdidos**. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e Educação**: estratégias para o empoderamento da mulher negra. São Paulo, 2008. 213P. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2008.

SILVA, Eliana Borges. **Tecendo o fio, aparando as arestas**: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento feminista. In: I Simpósio Internacional O Desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe, 2000, Salvador. Disponível em:<http://www.desafio.ufba.br/gt6-003.html#_ftn1>. Acessado em 19 de abr. de 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves."Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cad. CEDES. 1998, vol.19, n.45, pp.7-23. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 fev.2016.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Racismo discursivo na mídia brasileira. In: VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL Discurso (ALED 2005), Santiago, Chile, **Anais...**Santiago, Chile, 2005. Disponível em:<http://www.neab.ufpr.br/Publicacoes/Racismo_discursivo_na_midia_brasileira.pdf>. Acessado em: 17 dez. de 2015.

_____; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun A. Van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Cristiane Maria. **Anti-racismo e educação**: o projeto político pedagógico das lideranças negras de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2000, p.1-19.

VIEIRA, Regilene Alves. **Lei 10.639: estudo de caso em uma escola da cidade de Mulungu-CE**. (monografia de fim de graduação) Instituto de Humanidades e Letras/Unilab. 2015.